

Miguel Vives

O Tesouro dos Espíritas

Guia Prático para a Vida Espírita

Título do Original Castelhana
Guia Practica del Espiritista Carbonell y Esteva Editores
Barcelona — Espanha
1872



Eugène Bodin
As Esposas dos Pescadores



Conteúdo resumido

Nesta obra, Miguel Vives resume toda a sua experiência de vida dedicada à divulgação do Espiritismo na Espanha, não só como trabalhador e dirigente espírita, mas especialmente na demonstração do exemplo de conduta espírita-cristã, pregando e adotando em sua própria vida os ensinamentos do Evangelho de Jesus.

Conforme as palavras de J. Herculano Pires, que assinou a Segunda Parte deste livro, o objetivo da obra é indicar aos espíritas várias maneiras de proceder nas circunstâncias da vida e em face dos múltiplos problemas da hora presente. É um guia prático, como o denominou Miguel Vives, com preciosas orientações sobre a conduta espírita, baseadas na experiência pessoal dos autores e na inspiração dos Benfeitores Espirituais que os assistiram na elaboração destas páginas.

O livro nobre é um mestre silencioso, que ensina sem paga.

Batuíra

* * *

Sorria sempre, mesmo que seja um sorriso triste, porque mais triste do que um sorriso triste é a tristeza de não saber sorrir.

Emmanuel

* * *

Aos Espíritas de Espanha

que hoje vivem no subsolo, como os cristãos primitivos nas catacumbas, a homenagem brasileira desta reedição das lições de Miguel Vives, o médium, o vidente e o profeta da Tarrasa; acrescidas do adendo: “Marcha para o Futuro”, de autoria do Irmão Saulo (J. Herculano Pires). (*)

(*) “Irmão Saulo” foi o pseudônimo utilizado por J. Herculano Pires, quando articulista do Estado de São Paulo.

Sumário

O profeta de Tarrasa	5
Um tesouro de luz	6
Prefácio do autor	9

1ª PARTE

Guia Prático para a Vida Espírita – por Miguel Vives

I – O espírita perante Deus	12
II – O espírita perante o Evangelho	15
III – Entre os irmãos e nos Centros	18
IV – O espírita e a humanidade	22
V – O espírita na família	24
VI – O espírita perante si mesmo	27
VII – O espírita perante o sofrimento	30
VIII – Os Centros Espíritas	32
IX – Enfrentando as tentações	36
X – O tesouro dos espíritas	40
XI – Conclusão	45
XII – Vidência	46

2ª PARTE

Marcha para o Futuro – por J. Herculano Pires

I – O espírita perante a doutrina	47
II – O espírita perante as religiões	50
III – O espírita e a cultura	52
IV – O espírita e a política	54
V – O espírita e a questão sexual	56
VI – O espírita e o mundo atual	59

O profeta de Tarrasa

Miguel Vives y Vives foi um apóstolo do Espiritismo na Espanha. Desencarnou a 28 de janeiro de 1906, na cidade de Tarrasa, província de Barcelona, onde desempenhou a sua fecunda missão. Fundador da Federação Espírita de Vallés, da qual surgiu a da Catalunha, fundou também o Centro Espírita Fraternidade Humana, de Tarrasa. Foi presidente do Centro Barcelonês de Estudos Psicológicos. E, como jornalista espírita, fundou a revista “União”, mais tarde incorporada à revista “Luz do Porvir”.

Vives não se dedicou à literatura, mas deixou uma pequena obra marcante da sua trajetória: este guia da vida espírita, que escolhemos para abrir a Coleção de Bolso Edicel. Este livro é uma espécie de suco: a vida de Miguel Vives, sobretudo sua vida espírita, aqui está na sua essência, nos resultados e nas normas em que se transformou, para podermos beber a sua seiva e seguir os seus exemplos.

Herculano Pires está certo de que o complemento que fez para este volume (Segunda Parte da obra) foi também inspirado por Vives, que praticamente lhe ditou cada capítulo, escrito com extrema rapidez.

Miguel Vives (que assinou assim o seu livro) foi o profeta de Tarrasa. Pregou o Evangelho, exemplificou a vida cristã e profetizou as tormentas que se abateram sobre a Espanha, concitando a mocidade espírita, como se verá nestas páginas, a preparar-se para enfrentá-las. A guerra civil de 1936-39, instaurando o fascismo no país, realizava a profecia de Vives: o Espiritismo foi riscado do mapa, seus principais dirigentes sacrificados ou desaparecidos, mas as palavras e a imagem do profeta não se apagaram. E a mocidade espírita seguiu o exemplo dos cristãos primitivos; e com a mocidade, os veteranos remanescentes.

Há mais de 30 anos os espíritas espanhóis vivem e professam a sua fé, sob um regime de terror. Miguel Vives y Vives é para eles uma bandeira sagrada. Lendo este livro o leitor compreenderá por que. E aprenderá a viver o Espiritismo.

Um tesouro de luz

As riquezas da Terra são precíguas, como nos ensina o Evangelho de Jesus. Mas há uma riqueza que nada pode afetar nem destruir: a riqueza do céu, que podemos e devemos construir em nossa alma. Essa riqueza está em nossas mãos. Não se encontra no subsolo, nem nas profundezas dos rios ou dos mares. Não precisamos buscá-la nas coisas exteriores. Miguel Vives, o notável médium espanhol que escreveu este livro, adverte-nos, sob a inspiração dos Bons Espíritos, que o guiaram na sua vida espírita:

“Los espiritistas tenemos un tesoro en nuestras manos.”

Extremamente modesto, Miguel Vives deu ao seu livro um título singelo: *Guia Prático do Espírita*. Com este título, o pequeno tesouro de experiências, de profunda vivência espírita e de elevada inspiração, que ele compôs, foi publicado por Carbonell y Esteva, em Barcelona. A segunda edição, notavelmente aumentada e corrigida, é a que serviu para esta versão brasileira. Tudo fizemos para que este livro possa produzir, em nossa língua e em nossa terra, os mesmos frutos de luz que produziu na sofrida terra espanhola.

A tradução, apesar de ser feita de uma língua irmã – e mais do que isso, da língua-mãe que é para nós o castelhano – não foi nada fácil. Miguel Vives escreveu estas páginas com a despreensão do espírita que fala aos seus irmãos, na mais pura linguagem popular. Nada de cuidados estilísticos, de preciosismos, de artifícios de espécie alguma. Escreveu claro e preciso. Mas tudo isso para a sua gente, no linguajar barcelonês de Tarrasa, o pequeno mas ativo centro têxtil da província de Barcelona. Tivemos, por isso, de esforçarmo-nos para manter um difícil equilíbrio, na dupla fidelidade ao espírito e à letra.

É certamente por esse motivo que o livro de Vives não tem tido as traduções que merece. Por outro lado, os próprios títulos dos capítulos são demasiado extensos, como se usava antigamente. Simplificamo-los, sem tirar-lhes ou diminuir-lhes o sentido. Outro problema: o tom de conversa pessoal, com períodos demasiado longos, às vezes elípticos, repetindo palavras e expressões. Reduzimo-los a períodos curtos e precisos, de expressão direta, de linguagem moderna, procurando o quanto possível não tirar-lhes o sabor de confissão e até mesmo de monólogo íntimo. Foi bem difícil fazer tudo isso. Pensávamos gastar uns dez dias na versão, e ela se prolongou por todo um mês.

São assim os tesouros ocultos. Não os atingimos com facilidade. É preciso coragem, audácia e trabalho para descobri-los e trazê-los à luz. Pedimos forças a Deus e estamos convencidos de haver conseguido o que desejávamos. O livro de Vives aqui está, na sua pureza, na sua humildade e no seu esplendor. É verdade que o reescrevemos em português, mas nosso trabalho foi apenas o do alfaiate que faz uma roupa nova para um belo corpo. Não modificamos a anatomia do cliente: vestimo-la, apenas, e o fizemos com o maior carinho e o maior respeito pela sua perfeição física e espiritual.

O título *O Tesouro dos Espíritos*, que damos ao volume em português, não foi de nossa invenção. Encontramo-lo no próprio texto de Vives, e o leitor se reencontrará com ele no capítulo nono. Claro que o tesouro não é o livro. Vives refere-se à Doutrina Espírita. Poucos de nós conseguimos compreender, até agora, o tesouro que temos em mãos. Vives nos desperta para isso. Entendemos não haver melhor título, nem mais acertado, para este livro que nos guia à verdadeira compreensão doutrinária. Além disso, Vives nos mostra, com o exemplo da sua vida, como fazemos do Espiritismo o nosso tesouro inalienável.

Moral Espírita

Os adversários do Espiritismo, que, de acordo com a regra mais antiga, não o conhecem, costumam dizer que não temos um sistema de moral. Isso, quando não nos acusam simplesmente de imoralidade. A nossa resposta é a Codificação Doutrinária. E nela, além das Leis Morais de *O Livro dos Espíritos*, esse código do mais puro espírito cristão, que é *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Miguel Vives menciona este último, em seu trabalho sobre as regras da vida espírita. Mais do que isso, ensina-nos como aplicar os princípios evangélicos a uma conduta espírita.

A moral espírita espande nestas páginas, em toda a sua pureza cristã. Quem ler este livro, e aplicar à vida os seus princípios, fará em si mesmo aquela reforma que, para Kardec, é a única e verdadeira característica do verdadeiro espírita. Vives, entretanto, não é um teórico. Ele declara, logo na primeira linha: Não sou escritor, mas sou médium. Para os leigos, isso porém não terá significado maior. Para os espíritas, entretanto, isso quer dizer que Vives está escrevendo sobre questões que enfrentou na vida, sobre problemas que viveu.

Está nisso o maior valor deste livro. Ele nos dá o exemplo da vivência espírita. Fundador do Centro Espírita Fraternidade Humana, de Tarrasa, Miguel Vives o presidiu durante trinta anos. Exerceu a mediunidade e militou na propaganda doutrinária. Desde que se tornou espírita, sua vida se converteu num apostolado. Muitas de suas páginas lembram-nos a figura do apóstolo Paulo: são páginas epistolares, dirigidas aos irmãos da Igreja Primitiva, às assembleias cristãs dos primeiros tempos. Noutras, ele é o obscuro e humilde Ananias, que através da prece e do passe arranca as escamas dos olhos de Paulo.

A moral espírita, como a do cristianismo primitivo, não se constitui apenas de preceitos, de regras, de princípios normativos. Há uma técnica moral, que se baseia no conhecimento das leis morais. Vives compara a saúde física à saúde moral, para mostrar que somos criaturas sujeitas a influências de duas espécies: as que provêm do meio físico e as que provêm do meio espiritual. Mostra como as influências psíquicas nos envolvem, como penetram em nossa mente, como invadem o nosso psiquismo, como dominam o nosso espírito. E ensina como enfrentá-las, suportá-las e vencê-las. Hoje, mais do que nunca, este livro de Miguel Vives precisa ser lido e relido, estudado, carregado no bolso, para consultas constantes.

À maneira do próprio Cristo, que para ele é sempre “Senhor e Mestre”, o autor deste guia oferece-nos a regra moral e o exemplo da prática moral. Ele mesmo é um modelo do que ensina. Indica-nos o Modelo Supremo, que é Jesus – como *O Livro dos Espíritos* no-lo indica – mas ajuda-nos também com o seu próprio exemplo. Vemos aqui, através da vida do autor, como o espírita deve enfrentar os seus problemas, em todas as circunstâncias da existência.

Calvário Espírita

O Calvário cristão estava na Palestina. O Calvário espírita está na Espanha. Miguel Vives pressentiu, com sua sensibilidade mediúnica, a aproximação da tragédia espanhola. As palavras que dirige, no fim deste volume, à Mocidade Espírita de Espanha, são proféticas. Ele prevê as dores, os sofrimentos, a asfixia que vai cair sobre os que professam o Espiritismo em terras de Castela. E ensina, aconselha, adverte: “Confiemos nEle, juventude espírita, e não desmaiemos no caminho!”

Joaquim Rovira Fradera, Miguel Vives, José Hernandez, Amália Domingos Soler: são uns poucos nomes que nos lembram a Espanha espírita. Depois do Auto-de-Fé de Barcelona, em que os livros de Kardec arderam nas chamas inquisitoriais, o Espiritismo floresceu na Catalunha e invadiu todo o país. Grandes nomes brilharam na Terra, como respostas de luz às estrelas do céu. Mas a noite chegou de novo, a noite de chumbo da Inquisição, sem estrelas e sem lumes terrenos. Este livro é uma centelha que escapou das trevas, e que nos dá testemunho da Espanha espírita.

Não importa o domínio passageiro das trevas. O chão de Barcelona está semeado de luzes. As vidas espíritas que ali se apagaram voltarão a brilhar. Sementes de luz não morrem nas trevas. Não foi das trevas do Calvário que as luzes do Cristianismo subiram para os céus de todo o mundo? Os sicários judeus e romanos não sabiam o que faziam, mas Deus o sabia. E Jesus já ensinara que, se o grão de trigo não morrer, não pode frutificar. As dores da Espanha fanática de hoje são como dores de parto. Quem lê este livro de Miguel Vives sente a pulsação do futuro no subsolo da Espanha. Os mortos ressuscitam e os túmulos falam. Outros apóstolos marcarão de novo o mapa da Espanha, com seus pés missionários.

A publicação deste livro é uma homenagem do Brasil espírita de hoje à Espanha espírita de ontem, de hoje e de amanhã. Ao passar por Madri e Barcelona, os médiuns brasileiros Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira encontraram o Espiritismo como fogo de coivara, nos braseiros ocultos do subsolo. Nada

conseguiu matar o ardor espírita dos espanhóis. Viram, com os seus próprios olhos, bibliotecas doutrinárias e a venda secreta de livros espíritas. Compraram alguns volumes para a Exposição Permanente de Uberaba. O Brasil espírita testemunhava o calvário da Espanha espírita. E agora o Brasil espírita comungará com a Espanha espírita, através da vivência doutrinária de Miguel Vives, em Tarrasa.

Façamos deste livro o nosso tesouro. Revivamos no Brasil essa vivência espírita catalã, que brota da pena de Miguel Vives como o sangue dos mártires cristãos da Antigüidade, e como o dos mártires espíritas da atualidade brotou das feridas mortais. Todos os sicários passam, como figuras de um *Grand Guignol* esfumando-se na memória das gerações. Mas os mártires permanecem, renascem, fazem-se ouvir. Os espíritas espanhóis massacrados aqui estão de novo ensinando-nos a viver o Espiritismo. Ouçamo-los, nestas páginas de amor e vida, que serão um tesouro em nossas mãos.

Prefácio do autor

Não sou escritor, mas sou médium. Assim, nunca poderei ter a pretensão de haver feito nada de bom somente por mim. Se alguma coisa saída da minha pena merecer a aprovação de meus irmãos, virá dos bons Espíritos que me assistem. Tudo quanto se notar de deficiente nos meus escritos é obra da minha inteligência. Mas os meus irmãos espíritas, que tão indulgentes têm sido para comigo até agora, espero que o continuem sendo, e que saibam distinguir entre o bom que vem dos Espíritos e o insuficiente que é meu.

Postas assim as coisas, não vacilo em entregar-me à inspiração, depois de muito haver pedido ao Pai, ao Senhor e Mestre, e aos bons espíritos, para poder escrever um guia prático, em que os espíritas tenham, sempre que necessário e sem dificuldades, a que recorrer, nas diversas situações da vida.

Assim, neste Guia Prático do Espírita encontrarão os meus irmãos alguns conselhos que, seguidos, poderão ser úteis para lhes dar a paz na vida presente, e fazê-los alcançar uma boa situação no espaço.

Disse que sou médium, e de tal maneira já o provei, que nenhum dos meus irmãos de Tarrasa, ou de fora da nossa cidade, que me tenha ouvido alguma vez, poderá duvidar.

Deus meu! Que era eu, antes de ser espírita? Uma criatura ignorada e completamente incapaz. Tanto assim, que me achava perdido na mais crítica e miserável situação em que um homem pode encontrar-se, nos mais formosos dias de sua juventude. Perdera a saúde, os amigos se haviam afastado de mim, não tinha forças para trabalhar, fiquei cinco anos sem poder sair de casa. Tal era o meu estado, que se não fosse a proteção dos pais de minha primeira esposa, aos quais nunca serei suficientemente grato, teria de recolher-me a um hospital. Cinco anos já haviam decorrido, em que esta situação perdurava, quando meus cunhados se mudaram de Sabadell, onde eu havia vivido desde criança, para Tarrasa. E, mais por misericórdia do que por qualquer outro motivo, me levaram com eles, para ver se a minha saúde mudaria.

Estávamos no ano 71 do século passado. Depois de seis meses de minha permanência em Tarrasa, voltei um dia a Sabadell, e meu irmão carnal me falou de Espiritismo. A princípio, o assunto me pareceu muito estranho. Mas, como me falava de maneira grave, e eu conhecia a sua seriedade e retidão em todas as questões de sua vida, compreendi logo que havia algo de verdadeiro no que me dizia. Pedi-lhe algumas explicações, e ele, por única resposta, mandou-me as obras de Allan Kardec. Ler as primeiras páginas e compreender que aquilo era grande, sublime, imenso, foi questão de um momento. Deus meu! – exclamei – o que se passa comigo?

Então eu, que já havia renunciado a tudo, agora percebia que tudo é vida, que tudo é progresso e que tudo é infinito? Caí prostrado e admirado perante tanta grandeza, e tomei a decisão de ser espírita de verdade, estudar o Espiritismo e empregar todas as minhas forças na propagação de uma doutrina que me havia restituído a vida e me havia ensinado, de maneira tão clara, a grandeza de Deus.

Comecei a estudar e a propagar o Espiritismo. Com alguns irmãos, fundamos o Centro Espírita de Tarrasa: Fraternidade Humana.

Como, durante a minha enfermidade, me havia dedicado, nos intervalos que os meus sofrimentos me concediam, a estudar Medicina, comecei a curar enfermos. E foi tal a proteção que me envolveu, que muitas vezes os enfermos eram curados antes de tomarem os remédios, podendo eu citar alguns casos dessas curas surpreendentes.

Como minha propaganda espírita produzia efeitos, conquistava cada dia novas adesões, e começavam a manifestar-se ódios implacáveis, minha cabeça tornara-se um vulcão de idéias em ebulição. Antes de me tornar espírita era incapaz de pronunciar uma pequena oração para uma dúzia de pessoas. Como espírita, adquiri uma coragem e uma serenidade tais, que nada me impressionava nem me impressionava ainda.

Para dar uma idéia da minha mediunidade, direi o seguinte: fui médium de incorporação, semiconsciente, por dez anos; durante esse tempo, não participei de uma só reunião em que não recebesse e desse

comunicação, gozando durante esses dez anos de uma saúde bastante regular. Depois disso, por causa de uma doença, impedido de freqüentar as reuniões, tive de deixar a mediunidade por uns quatro meses, único período de tempo, aliás, em que deixei de participar dos trabalhos, como médium ou como diretor de sessões, nos trinta e dois anos em que sou espírita. E ainda hoje minha inspiração é tão potente e tão clara, que basta estar numa sessão, para que me sinta inspirado e possa falar por todo o tempo necessário.

Para dar uma prova disso, vou contar o que se passou nas vésperas do Natal de um desses últimos anos.

Eu havia dado, uns vinte e cinco dias atrás, uma comunicação muito extensa e expressiva, sobre um dos pastores que foram adorar o Messias na entrada de Belém. Essa comunicação causara grande impressão aos irmãos presentes no Centro Espírita de Tarrasa, naquela época. Dias antes do Natal a que acima me referi, um dos irmãos que ainda se recordava do caso me falou da mensagem. Senti vontade de lê-la, e foi quanto bastou para ser impulsionado e me pôr a escrevê-la. Em duas horas a obtive de novo, e tão igual, que aqueles que a haviam escutado na primeira vez exclamaram admirados: “É idêntica! Não falta nenhum conceito, nenhum detalhe!”

Conto isto para mostrar o poder da mediunidade.

Oh, meu Deus, quanto vos devo ser agradecido! Como são grandes os vossos desígnios! Foi talvez necessário que eu passasse por uma grande e prolongada aflição, antes de receber a luz do Espiritismo. Se tivesse gozado de boa saúde, me engolfaria nas distrações do mundo e, distraído e preocupado com as coisas da Terra, não teria dado importância ao que hoje tanto estimo, tanto me há servido e tanto me servirá no futuro. Graças, meu Deus, Onipotente Senhor meu, Soberano meu!

Hoje reconheço a vossa grandeza, o vosso amor, a vossa presciência, e sei que a vossa providência abrange a todos, pois sempre dais a todos e a todas as coisas o melhor e o mais justo. Eu vos amo e vos louvo, vos adoro com toda a minha alma, e meu reconhecimento é tão grande que não tem limites. Vejo vossa grandeza em tudo e em tudo vos admiro, vos amo e vos adoro. E, sobretudo, onde a vejo mais sublime, é na lei de humildade que estabelecesteis, para que nós, os homens, possamos chegar a amar-nos como verdadeiros irmãos.

Quando reflito no drama do Calvário, e vejo submetido a tanto sofrimento e tanta dor o Ser maior que veio encarnar-se neste mundo, exclamo: se Ele, que era e é mais do que todos os que habitam a Terra, não veio cingir uma coroa e empunhar um cetro, mas fazer-se o mais humilde, o servidor de todos, o que curou as dores da Humanidade, o que sofreu todas as impertinências, todos os suplícios, e deu tão grande exemplo de paciência, humildade e perdão, é que o Pai, é que Vós, Senhor, não admitis categorias nem grandezas humanas, nem ostentação, mas apenas virtude, amor, pureza, sacrifício e caridade. Assim, concluo: a vossa lei exalta o abatido, consola o aflito, e o mais humilde é para Vós o maior, se for virtuoso e bom.

Busco, então, a lei proclamada pelo Humilde dos humildes, pelo Bom entre os bons, o Pacífico entre os pacíficos, aquele que, por sua elevada conduta, é o Rei de todos os corações justos, o que dirige todas as consciências puras, o que orienta a todos os que desejam ir até Vós. E por isso o admiro na lei proclamada, nos exemplos dados, e me inspiro nas palavras que pronunciou. E assim como Ele disse que devemos perdoar, perdôo todas as ofensas; e como disse que havemos de nos amar, amo a todos os meus irmãos; e como disse que o que desejasse segui-lo devia carregar a sua cruz, levo-a sem queixar-me. E a Sua figura me parece tão grande, que depois de Vós, meu Pai, Ele é o meu amor, a minha esperança, o meu consolo. Senhor! Seguindo-o até Vós, encontraremos a nossa felicidade, o nosso gozo, a nossa vida eterna. Seguindo-o até Vós, sentiremos paz em nossa alma, porque seremos pacíficos e humildes. Seguindo-o até Vós, teremos o nosso espírito cheio de esperanças. Por isso, eu o sigo como o criado segue ao seu senhor, como o pequenino segue a sua mãe. E quando me afligem os sofrimentos, vejo-o cravado na cruz e sigo firme o caminho do Calvário da minha vida, não esquecendo o grande exemplo que nos deu, levando em meu coração o agradecimento e o respeito que Lhe devemos, por tão grandes virtudes praticadas, para ensinar-nos o caminho que conduz à felicidade eterna.

Peço perdão ao leitor, por haver-me demorado nessas considerações prévias, mas teria considerado uma falta de gratidão e de respeito ao Todo-poderoso, se antes de entrar no texto do Guia Prático do Espírita não houvesse dado um testemunho de amor e de adoração ao Pai, e de agradecimento e submissão ao Senhor e Mestre.

Miguel Vives

1ª PARTE

Guia Prático para a Vida Espírita

por Miguel Vives

I

O espírita perante Deus

Quando o homem, venha de onde vier, seja religioso, ateu, livre-pensador etc, entra no Espiritismo, abre-se diante dele um campo tão vasto de investigações, que, de momento, ele não se dá conta de tamanha grandeza. A medida que vai ampliando os seus estudos e as suas experiências, mais ampla se torna a perspectiva do que antes lhe era desconhecido, e em tudo começa a ver a grandeza de Deus.

Tanto assim é que se queda maravilhado ante tanta justiça, tanto amor, beleza e poder. Então vê o que significa a sua individualidade nesta Criação, compreende que a sua vida é eterna, pelo menos em princípio, e que não se encontra aqui por acaso, que não é um ser vindo à Terra sem motivo nem razão, mas que a sua existência está ligada ao concerto universal da Criação. Compreende que jamais será abandonado, pois está sujeito a uma lei que a todos abrange, e que, como os demais seres humanos, alcançará, pelos seus esforços, mais cedo ou mais tarde, a sua felicidade, a sua beleza e a sua sabedoria. Compreende que pode retardar mais ou menos o seu progresso, mas que, por fim, terá de ver-se atraído pelo amor universal e que, aceitando ou não, será um dia impregnado por tudo quanto de belo e grande encerra o amor divino. Compreende que formará parte da grande família de espíritos felizes, que gozam e trabalham no plano do amor divino.

Assim, pois, o ser encarnado, ao descobrir a sua vida, o seu futuro, a grandeza do objetivo da sua própria criação, sente-se admirado ante a Suprema Sabedoria, o Amor Supremo, o Criador Onipotente de tanta beleza, de tanta harmonia e de tanto amor. Essa impressão, recebida ao converter-se ao Espiritismo, deve todo espírita procurar não somente guardá-la, mas também aumentá-la, porque disso depende em grande parte o seu progresso. Digo isto, porque, passado o momento das primeiras impressões, o espírita começa a esquecer-se do respeito e da adoração que deve ao Pai, incorrendo numa falta de agradecimento, que vai, aos poucos, separando-o de influências que lhe são muito necessárias, no curso da sua vida no planeta.

Se tudo, na Criação, mutuamente se atrai e se interpenetra, essa mesma lei não pode deixar de existir entre a criatura e seu Criador. Neste ponto, vem a propósito citar o que dizem alguns espíritos: que nada se deve pedir a Deus, porque Ele não derrogará suas leis e porque tudo já nos deu. Maneira errada de pensar. Deus estabeleceu suas leis e as pôs, com toda a Criação, à disposição de seus filhos. A nós, porém, compete alcançá-lo. E, tendo, como tem tudo, de sofrer a sua atração, isso não implicará também o amor a Deus, a gratidão e a adoração ¹ que Lhe devemos?

Se o espírita sente, atrairá sobre si o que sentir. Suponhamos que um homem tem maus pensamentos, referentes ao crime, ao vício, à vaidade. Não atrairá sobre si influências que o impulsionarão a ser criminoso, vicioso e orgulhoso? Pois se os desejos e pensamentos maus atraem más influências, deixará de existir a mesma lei no tocante aos bons pensamentos e aos desejos bons? Não há dúvida, pois do contrário existiriam duas leis; uma para reger o mal e outra para reger o bem. Ora, se os desejos e

pensamentos bons atraem boas influências, quanto mais não deve atraí-las aquele que saiba amar ao Pai, adorá-lo em espírito e verdade e procurar seguir os seus mandamentos? Vemos assim que, sem derrogar leis nem conceder privilégios, o espírita verdadeiramente agradecido e enamorado de Deus atrairá influências que, como já disse, lhe serão muito proveitosas no curso de sua vida planetária.

E tanto é assim, que penso o seguinte: se todos nós, espíritas, nos houvéssemos firmado nessa posição, e nos houvéssemos tornado praticantes do amor divino, não estaríamos hoje tão disseminados e desunidos como estamos. Notem bem, meus irmãos: encontramos poucos Centros Espíritas onde não tenha havido dissensões, e se algum Centro foi reduzido a cinzas, isso se deve à falta de caridade e amor entre os responsáveis, por causa de defeitos não corrigidos e à falta de prudência e de comedimento a que todo espírita deve cingir-se, em seus pensamentos e suas atitudes.

Se o amor e a adoração do Pai reinassem no coração de cada espírita, antes de falar e obrar, cada um pensaria se o que faz está de acordo com a lei do Criador. E se não estivesse, o espírita, cheio de amor a Deus, evitaria tudo o que é injusto, para não fraudar a lei e não se rebelar contra Ele, que é todo amor e justiça. Muitas vezes, em lugar de falar, causando conflitos, preferiria calar, e com essa atitude de indulgência ou tolerância daria um bom exemplo, evitando responsabilidades e ensinando aos seus irmãos.

Tenho conhecido espíritas que tudo confiam ao seu critério e ao seu saber, esquecendo-se de manter vivo o amor a Deus, e de outras práticas de que logo tratarei. Esses, porém, não sabem que, por mais entendidos que sejam, lhes falta o principal, e sem que o percebam caem na rotina comum. Dessa maneira, em suas conversas, seus procedimentos, suas maneiras, quase não se distinguem dos homens vulgares. Assim, embora creiam no Espiritismo, trata-se apenas de um Espiritismo mental, que não domina o coração. Por isso, em muitos atos da vida, pouco divergem dos que não conhecem a doutrina.

Daí a razão de existirem espíritas que não fazem nenhum mal, mas que também não praticam nenhum bem, e que por um simples descuido caem no ridículo, prejudicando, então, a propagação da doutrina que sustentam. E, às vezes, sucedem coisas piores, pois algum espírito obsessor influi sobre eles, fazendo-os conceber e propagar teorias estranhas, que perturbam a boa marcha do Espiritismo, semeando a dúvida em uns e a divisão em outros.

Isso também pode acontecer aos que, por falta de instrução, acham tudo bom e maravilhoso. E ainda com os que penetram em assuntos pouco explorados e conhecidos, fazendo afirmações e adorando princípios que não consolam nem edificam, e só servem para levar a confusão às inteligências exaltadas. Não é este trabalho destinado à crítica dessas teorias, mas desejo dar algumas regras de conduta aos espíritas de boa vontade, para que possam evitar certos escolhos que tanto dano lhes podem causar.²

Declarei que o amor a Deus pode atrair certas influências para o espírita que o procure avivar em seu coração, e que saiba transportar-se ao infinito através da prece, da oração, dessas expansões da alma.

Oração! Eis um tema muito discutido e desprezado por muitos espíritas. Ponho de lado toda a forma de oração rotineira, distraída, convencional, sistemática. Falo da oração que é acompanhada pelo sentimento, pela vontade firme, pelo amor e a adoração ao Pai. Falo da oração que edifica, que consola, que brota do mais fundo da alma: da oração que é pronunciada pelo ser que deseja libertar-se das misérias e das imperfeições da Terra.

Esta forma de oração, considero-a tão necessária a todo espírita, que me atrevo a dizer: quem dela prescinde não se elevará às qualidades morais necessárias a um bom espírita. E ainda mais: quem dela prescinde não poderá alcançar, quando voltar ao mundo espiritual, a condição de espírito de luz, e está arriscado a ser espírito de trevas e de perturbações, a menos que os seus trabalhos e ocupações na Terra tenham sido pautados pela caridade e o amor ao próximo, o que é tão raro neste mundo.

Temos de considerar que a Humanidade está cheia de erros, de maldade, de hipocrisia, de egoísmo, de orgulho. Cada um de nós depende alguma coisa de si mesmo, daquilo que é, neste mundo. Coloquemos um espírita em meio de toda essa imperfeição, e apesar de suas crenças ele se contagiara nessa atmosfera geral. Se esse espírita não dispõe do meio de se livrar das más influências que o envolvem, é impossível que se conserve prudente, circunspecto, tolerante, justiceiro. E como a lei exige a prática

dessas virtudes, para alcançarmos alguma felicidade espiritual, se alguma delas nos faltar, não estaremos aptos a morar, depois, entre os bons. E, se não podemos viver entre estes, temos de ser contados na categoria dos que não o são. Ora, ali, onde a bondade não impera, não pode haver felicidade, nem luz, nem liberdade.

Por isso entendo que o espírita, para livrar-se dos vícios, deve saturar-se de fluidos e influências superiores aos que nos rodeiam neste mundo, e para que eles nos envolvam é necessário colocarmo-nos em condições de recebê-los.

Quando oramos com fervor, o espírito se eleva em busca das Entidades Superiores do espaço. Como os seres que o habitam têm a caridade por missão principal, nunca deixam de amparar aos que por vontade própria se dirigem a eles. Estabelece-se, então, uma corrente fluídica entre o que ora e o que o atende. A influência recebida o circunda de luz e essa luz o limpa dos fluidos impuros. Ao concluir a oração, aquele que a pronunciou limpou-se dos maus fluidos e envolveu-se na atmosfera sadia dos bons fluidos. Assim como os primeiros eram o veículo das ações dos maus espíritos, os bons fluidos são uma barreira contra as influências perversas, que não mais poderão dominá-lo.

Para tornar mais claro, darei um exemplo. Suponhamos uma casa de campo sem cerca, nem muralha, nem qualquer outra espécie de defesa. Qualquer malfeitor que deseje aproximar-se não encontrará impedimento e, mesmo à noite, poderá chegar às portas da casa sem qualquer precaução. Se a casa, pelo contrário, for bem murada e suas portas são bem fechadas, nenhum viandante ou malfeitor poderá aproximar-se com tanta facilidade. Assim é que, tanto para o viandante, quanto para o malfeitor, uma casa de campo murada oferece resistência, o que não acontece com a outra.

O espírita que ora é como a casa de campo murada. O que não ora é como a que não tem cerca nem muralha. Por isso, todas as más influências têm mais facilidades para aproximar-se dele.

Todo espírita, pois, deve ser agradecido ao Pai, deve adorá-lo por sua grandeza, admirá-lo pelas maravilhas da Criação e respeitá-lo por ser um dos seus filhos. Porque, na verdade, o homem foi criado por Deus. Ele é o nosso Pai, o nosso Bem, a nossa Esperança. É Ele o autor de toda a beleza que nos rodeia, desde a ave que se eleva no espaço até o peixe que mergulha nas águas, desde o monte em que cresce o arbusto e floresce a violeta até o astro que brilha no infinito. É Ele o criador daquela que nos concebeu em suas entranhas. Ele é o todo: a luz, o amor, a beleza, a sabedoria, o progresso. Tudo é Deus.

O espírita que sabe tudo isso e não se sente atraído por tanta grandeza, tanto amor, tanto poder, e vive esquecido do Pai, passa horas e dias sem demonstrar-lhe o seu agradecimento, que qualificativo merece? Prefiro calar-me neste ponto. Mas é claro que esse espírita não sente ainda em sua alma o que deve sentir, não cumpre o primeiro dever de um bom espírita, e é muito difícil que possa estar apto a cumprir como deve a sua missão.

Em resumo:

- O espírita deve portar-se perante Deus como um bom filho, que agradece ao pai por havê-lo criado;
- deve respeitar a grandeza de seu Criador, adorar a sua Onipotência, amá-lo por sua Sublimidade; e esse respeito, essa adoração, esse amor, essa gratidão, devem ser manifestados ao Todo-poderoso tanto quanto possível;
- já para que ele se porte como um bom filho, perante um sublime e amoroso Pai, já para atrair a Sua influência e a dos bons espíritos, de que tanto necessitamos em nossa condição de atraído, num mundo em que imperam a ignorância e a dor.

II

O espírita perante o Evangelho

Para alcançar o grau de moralidade de que necessita, a fim de bem cumprir a sua missão, ter paz na Terra e conseguir alguma felicidade no espaço, o espírita deve cumprir a lei divina. E onde está essa lei? No Evangelho do Senhor. Portanto, o espírita deve saber de memória a sua parte moral, tanto quanto possível, pois como aplicará a lei, se não a souber? Como usá-la, se não a recorda?

O espírita deve gravar na sua alma a grande figura do Senhor. Deve ter-lhe respeito e gratidão. E não deve esquecer-se de que somente por Ele se vai ao Pai. Assim, para o espírita, o Evangelho não pode ser letra morta, mas a lei moral vigente em todos os tempos, em todas as idades. Porque a lei proclamada pelo grande Mestre não sofrerá modificações em sua parte moral. E do seu cumprimento depende o nosso progresso espiritual, a nossa paz e a nossa felicidade na Terra e no espaço.

Temos o costume, bastante generalizado, de relegar ao esquecimento o que mais nos interessa. O mundo quase sabe de memória as palavras do Senhor, mas constantemente as olvida. Sabe-se que o Senhor disse que devemos amar-nos como irmãos. O homem menos instruído sabe que o Senhor acrescentou que devemos amar os nossos inimigos, bendizer os que nos maldizem, orar pelos que nos perseguem e caluniam, pagar o mal com o bem. A Humanidade, que sabe todas essas coisas, por acaso as tem cumprido? Não. E qual tem sido a conseqüência dessa falta de cumprimento? As guerras, as discórdias, as infâmias, e tantos outros males que seria difícil enumerar.

Explica-se que os homens tenham esquecido esses mandamentos pela ignorância da vida no Além, por seu atraso. Mas, e os espíritas? Temos nós cumprido esses mandamentos? Não. Se contamos algumas exceções, no geral estes ensinamentos têm sido letra morta. Será, por acaso, que não sabemos o que nos espera e a responsabilidade que temos no cumprimento desses mandamentos? Vem o Espiritismo interrogar ou cumprir a lei do Senhor? Não vem derogá-la, mas cumpri-la. Então, por que nós, os espíritas, vivemos tão fora dos ensinamentos do Senhor e Mestre?

Que o “amarás a teu inimigo, pagarás o mal com o bem, orarás pelos que te perseguem e caluniam” não são práticas muito arraigadas entre os espíritas, está evidente a plena luz. Consulte cada espírita a sua conduta na vida pública e privada, e logo verá quantas vezes deixou de cumprir esses ensinamentos. Consulte a própria consciência, e veja o que se passou na vida familiar, nas suas relações sociais, ou dentro dos Centros Espíritas, e verá que mesmo excluindo os demais, se houvesse pessoalmente cumprido esses preceitos, talvez houvesse evitado desgostos, rixas, dissensões e muitas outras coisas, em todos esses lugares.

Tudo isso, muitas vezes, sem má-fé, mas apenas por falta de estar apercebido. Assim, uma falta produziu outra e o resultado foi a queda. Como assinaléi anteriormente, é necessário estarmos apercebidos, termos a lei divina sempre presente, em todas as circunstâncias de nossa existência planetária.

É verdade que haverá muitas exceções entre os espíritas, que não terão do que se acusar. Muitos mais haverá, porém, que estão incluídos no que acabo de dizer. É quase perdoável que a Humanidade tenha deixado de cumprir o que o Senhor manda no seu Evangelho, apesar de que o nosso juízo a respeito não a exime da responsabilidade que contraiu. Porém, que entre os espíritas, em sua maioria, haja tão pouca atenção para o cumprimento da lei divina, proclamada pelo Senhor, é uma falta grave, que, se não procurarmos remediar, acarretará ao nosso meio muitas perturbações e será causa de novas expiações.

Não pode ser em vão que o Pai nos enviou o maior Espírito que já veio à Terra. Nem em vão que esse elevadíssimo Espírito foi ultrajado, depois de haver provado sua grande missão através de seus feitos e de sua doutrina. Não pode ser um vão que Allan Kardec e os Espíritos de Luz no-lo apontaram como o nosso modelo. Ele é o caminho, a verdade e a vida. Fora dos seus ensinamentos não há salvação

possível. Por isso, compreendendo a importância do Evangelho, Allan Kardec esclareceu algumas parábolas e conceitos, para que estivessem ao alcance de todas as inteligências, participando desses esclarecimentos, de maneira muito direta, elevados Espíritos, que ditaram comunicações de ordem moral, tocando-nos a alma. Dessa maneira, se nós, espíritas, fizermos omissão, daí resultando uma falha de perfeição moral em nosso meio, não podemos culpar a ninguém, senão à nossa própria indolência, à nossa ingratidão.

Há também a falta de reconhecimento de um fato culminante, como a vinda do Senhor à Terra, e de reconhecimento da sua lei, da sua abnegação, do seu sacrifício e do seu amor para com todos os seus irmãos. Se a nossa indiferença é tanta, que apenas lembramos a lei proclamada e selada com sangue no Calvário, o que esperamos alcançar? Que fará o espírita que se esquece da lei? Em que fonte beberá? Onde encontrará o consolo de que necessita, para suportar os embates da vida? A quem apelará, quando estiver no mais rijo das provas? Quem lhe servirá de modelo? Está provado, até à evidência, que, se o Senhor veio à Terra, foi para servir-nos de guia. E quem o seguir não se perderá no caminho da existência terrena. Porque Ele é o caminho, a verdade e a vida.

Por isso, todo espírita há de ser admirador do Mestre; deve estudar as suas palavras, a sua moral, a sua lei, os seus sacrifícios, a sua abnegação, o seu amor, a sua prudência e, sobretudo, a sua elevadíssima missão, já que esta contém dois pontos essenciais, que são de importância capital para o curso de nossa existência terrena.

Afirmo que era necessário conhecer a lei divina para cumpri-la. Isto é a primeira coisa que o espírita deve fixar em sua mente, para seguir o caminho de justiça e de amor. Mas há, na missão do Senhor, outro objetivo de capital interesse para o bem do nosso espírito, que é o consolo, a resignação e a paciência que o seu sacrifício nos pode inspirar.

Todos estamos na Terra para ser provados, e muitos em expiação. Passam-se às vezes anos em que a prova não é dura, nem a expiação é forte. Mas, quando a prova é daquelas que esmagam o espírito e a expiação é tão dolorosa que mal a suportamos, então é de grande utilidade recordar, não só os mandamentos, mas também o sofrimento e a resignação do Senhor. Devemos lembrá-lo, então, perante o tribunal dos escribas e fariseus; quando estava na prisão; quando o coroavam de espinhos; quando o ataram à coluna e o flagelavam; quando levava a cruz às costas; quando se viu desnudo e só no Calvário; quando o estenderam na cruz e lhe cravaram os pés e as mãos; quando foi erguido no madeiro, desfigurado, ensangüentado, e em meio de tanta aflição deu mostras de resignação e calma superiores, e ainda de que amava e perdoava, como se tivesse sido tratado com a maior consideração e respeito.

A recordação desses grandes feitos nos induzirá à resignação, a sofrer as grandes dores sem nos queixarmos, a suportar as grandes provas com ânimo sereno. Isto fará que procedamos como espíritas. E não somente podemos tirar proveito dessas lembranças, mas ainda, se unirmos à recordação o amor ao Senhor, a admiração e a súplica, identificando-nos com Ele, poderemos receber grande proteção do Alto, e às vezes a sua própria influência. Por que não? Não ouviu Ele a mulher pecadora? Não curou os cegos, os mudos e os leprosos? Não há exemplos de que, nos séculos já passados, muitos foram amparados diretamente por Ele?

Os apóstolos e os mártires do cristianismo foram protegidos por Ele: Teresa de Ávila, Juan de La Cruz, Pedro Alcântara e muitos outros tiveram a incomparável sorte de falar com Ele, de vê-lo, de receber suas instruções e consolos. E pensais, porventura, que esse elevadíssimo Espírito nos abandonou e está hoje indiferente às nossas súplicas e às nossas lágrimas? Acreditais que Ele, na sua glória, trata apenas de passar o tempo gozando da bem-aventurança, sem praticar a sacrossanta caridade, que tanto praticou enquanto estava aqui? Acreditais que Ele só se interessa por viver entre Espíritos de grande luz, deixando abandonados a nós que o amamos, que pensamos e confiamos nele? Não acreditais nisso, irmãos! Ele não abandonará os seres que vivem na Terra e que o tomam por exemplo. Não abandonará os que nele confiam como não abandonará os cristãos sinceros de todas as épocas.

Dirão alguns, consigo mesmos, que na Terra não há ninguém digno de tanta proteção. E por que não? Quem deixaria de visitar um criminoso arrependido, que suplicasse proteção, pedisse um conselho, uma

palavra de amor, um olhar de carinho? Quem deixaria de atender as súplicas de um enfermo, de um inválido, de uma criança perdida num despovoado? Quem negaria a mão ao que cai, ao desfalecido, ao moribundo? Quem negaria um pedaço de pão ao que morre de fome, ou um copo d'água ao que morre de sede, ou não arrombaria uma janela para propiciar ar ao que morre asfixiado? Pois se nós, sendo maus, não sabemos nem podemos negar a proteção em todos esses casos, como quereis que o Mestre de bondade, o Grande, que tudo fez por amor e abnegação, o que disse: “deixai vir a mim os pequeninos, porque deles é o Reino dos Céus”, o que deu saúde aos enfermos, paz aos corações aflitos, o que tanto sofreu para dar-nos exemplo, como quereis que Ele não ouça as nossas súplicas? Como poderá Ele deixar de atendê-las, quando partem de almas arrependidas, que clamam por misericórdia e proteção, se Ele é amor, se é a caridade mais pura que já existiu em nosso planeta?

O que somo nós, senão criminosos arrependidos, mulheres extraviadas que voltam ao redil, enfermos de corpo e espírito, crianças desamparadas no deserto da vida, que clamamos: “Senhor, Senhor, apiedai-vos de nós, que sucumbimos!” Ah, meus irmãos, não duvideis! O Senhor ama a Humanidade terrena. Ele a quer, trabalha com fervor pelo seu progresso e protege aos que o invocam com sinceridade. Temos exemplos do que afirmamos, e todo aquele que siga as pegadas do Senhor, amando-o e cumprindo as suas leis, poderá tê-los.

Por isso entendemos que o espírita há de amar o Senhor; deve admirá-lo e segui-lo até aonde lhe for possível, em suas leis e em seus exemplos; pois assim evitará quedas que poderão ser muito graves, e que lhe podem acarretar a tribulação nesta vida e o sofrimento no espaço.

III

Entre os irmãos e nos Centros

Todo espírita deve portar-se com a maior humildade possível, perante os seus irmãos. Porque a humildade é sempre um exemplo de boas maneiras, jamais nos compromete, nem é causa de distúrbios e de rixas. Essa humildade, porém, não deve ser nunca fingida, mas leal e sempre disposta a servir. O espírita deve sempre considerar-se inferior a seus irmãos, dispondo-se a ser o servidor de todos.

Porque sabe que o servidor de todos deve ser o primeiro, e por mais que faça nunca poderá pagar Àquele que tudo criou. E por mais que saiba, jamais alcançará a infalibilidade. Assim, pois, sempre poderá equivocar-se. Portanto, assim compreendendo, nunca fará alardes de saber, nem de possuir faculdades, e menos ainda de considerá-las extraordinárias, mas exporá suas idéias de maneira prudente, sensata e com oportunidade.

Se alguma vez for importunado por um de seus irmãos, procurará responder de bom modo. Se não for possível que, de momento, o irmão entenda a sua razão, calará, esperando uma ocasião propícia. Então, com a humildade que deve caracterizá-lo, tentará convencê-lo e levá-lo à razão, se possível. Assim estará usando a caridade, porque todo espírita deve ser caridoso para com o seu irmão.

Da mesma maneira que, para realizar uma empresa, um negócio, adquirir algum objeto que nos agrada, fazemos às vezes sacrifícios e trabalhos, e os conseguimos, o espírita não deve olvidar que não há empresa maior, nem trabalho mais nobre do que atrair o amor leal e sincero de seus irmãos. Nada há na Terra tão proveitoso como fazer-se uma criatura de paz, de amor e de concórdia. Quem assim age, torna-se uma garantia para a tranqüilidade e o progresso de seus irmãos e constitui uma base para toda a propaganda proveitosa e eficaz do Espiritismo.

Quando vemos, pois, que um de nossos irmãos anda em erro, ninguém deve lançar-se contra ele, mas sim lembrar que todos podemos cair enfermos do corpo e da alma. Se não for possível atraí-lo por meio da caridade, o espírita deve atraí-lo pela indulgência. Há um grande meio para atrair nossos irmãos: tratemos de descobrir neles, sem faltar à justiça, alguma coisa que os agrada e que possamos estimular. Quando algum irmão se extravai nos costumes ou maneiras, tanto no falar como no agir, não se deve nunca cobri-lo de murmurações, nem de julgamentos levianos, nem abandoná-lo ou rejeitá-lo, antes de se haver experimentado os meios possíveis de atraí-lo.

Digo que a descoberta de alguma inclinação ou costume favorável, no irmão faltoso, pode às vezes servir-nos para atraí-lo. Procuremos aparentar que o costume ou inclinação nos agradam, e por meio dele contrair amizade mais íntima, para ver se através de maior confiança conseguimos exercer a influência moral para levá-lo ao bom caminho. Isto é lícito e de alto sentido moral, desde que o espírita que o pratique para ajudar o seu irmão não venha também a extraviar-se. Para deixar mais claro: devemos estudar as nossas boas qualidades, para ver se, apoiados no seu conjunto, podemos reparar os defeitos. Mas, quando tudo se fez para corrigir um irmão, sem que ele se deixe convencer, é necessário que, sem ruído, sem qualquer atrito, nos afastamos dele, procurando não contaminar-nos e evitar que outros se contaminem – sempre, porém, depois de adotados todos os recursos que nos aconselham a humildade, o amor, a indulgência e a caridade.³

Dissemos que todo espírita deve ser caridoso com seu irmão. Isto se demonstra pelo simples fato de que a lei divina nos obriga a praticar a caridade com todos. Muito mais devemos praticá-la com os que, do ponto de vista espiritual, devem formar conosco uma mesma família. Assim, pois, o espírita não deve abandonar o seu irmão numa crise, nem na doença, nem na miséria. Muito pelo contrário, deve ser para ele como um pai ou uma mãe, consolando-o em suas aflições, assistindo-o em suas enfermidades,

ajudando-o em suas necessidades, protegendo-o na velhice, dando-lhe a mão da mocidade. Numa palavra: o espírita deve ser, para o seu irmão, a verdadeira providência terrena, sustentando-o em tudo o que puder, em todos os transe da vida planetária.

Assim como moralmente devemos ser caridosos, indulgentes e humildes para com os nossos irmãos, materialmente não o devemos ser menos. Dessa maneira é que criaremos entre nós uma verdadeira fraternidade. Porque o amor dispensa muitas coisas, e se chegarmos ao verdadeiro amor entre nós, não há dúvida que suportaremos com gosto os nossos mútuos defeitos.

Eis a maneira de dar bom exemplo à Humanidade, que se apresenta tão cheia de males e egoísmos. Eis a maneira de tornar mais leve a cruz que, por lei, temos de carregar neste mundo. Porque o amor é a seiva divina, é o bem e a paz. Eis, pois, a maneira de atrair a atenção da Humanidade e demonstrar-lhe que a palavra irmão não é apenas uma fórmula, mas a expressão do amor que sentimos. Eis a maneira de constituir uma família que nos livraria de muitas amarguras que hoje nos oprimem, e que nos daria muitos dias de paz e de alegria. Reinaria em nossas reuniões tanta cordialidade e tanto amor, que nelas os nossos espíritos se regenerariam.

Não quero dizer, com isto, que não haja paz entre nós, porém, que haveria mais. Não direi que não haja amor e proteção, mas esta seria mais eficiente e outros horizontes se abririam em nossas reuniões, em nossos Centros, em nossas sessões. Há, entre nós, amor e proteção mútua, porém, esta precisa ser mais decisiva. O amor entre nós carece de mais entusiasmo. Há caridade, mas ela deve ser mais ampla e generosa. Se na Terra não é possível encontrar-se moradas de paz fora da família, isto se deve dar entre nós. Portanto é necessário que nos tratemos com indulgência, amor e caridade.

Somente assim cumprimos o que nos propusemos, ao vir à Terra. Pois não somos espíritas por acaso, mas porque viemos preparados para tanto. Não há dúvida de que fizemos propósito, desde o mundo espiritual, de praticar o bem, e só a perturbação pode fazer-nos olvidar esses compromissos. Por isso é necessário fazermos grandes esforços, para que a proteção espiritual nos possa despertar a lembrança dos propósitos esquecidos.

E a verdade é que nem sempre o amor em desenvolvimento, a caridade e a humildade dominam nos Centros e nas nossas reuniões. Causa lástima ver, como vi algumas vezes, lutas nos Centros para a disputa dos primeiros lugares. É doloroso ver surgirem as discussões e as desavenças, porque este ou aquele quer ser o presidente. Isto nos mostra até onde se pode chegar, quando se perde o bom senso espírita. E isto sucede quando, num Centro, se perde o verdadeiro amor ao Pai e o sentimento de gratidão para com Nosso Senhor e Mestre.

Os que exercem mais influências num Centro Espírita são os que devem viver mais alerta, os que mais necessitam observar as regras prescritas nos capítulos anteriores, por que são encarregados de vigiar e conduzir os de menos alcance e menos compreensão. Se todos os espíritas devem ser praticantes da caridade, da adoração ao Pai em espírito e verdade, da admiração constante pela grandeza da obra de Deus e pela sua providência e o seu amor imenso; praticantes da admiração e estima pelo Mártir Sublime, Senhor dos senhores; se a todos cabem o conhecimento e o cumprimento de sua lei, a prática da humildade, da indulgência, da temperança e do amor ao próximo, quanto mais incumbem todas essas coisas aos que chegam a ter influência no meio espírita e dirigir a alguns de seus irmãos! A missão desses dirigentes é sumamente delicada, porque, segundo a sua maneira de agir, podem levar alguns ou muitos ao bom caminho, ou fazê-los encalhar nos tropeços da vida.

Aqueles que, por seu entendimento, podem compreender melhor e se convertem em guias de seus irmãos, não mais se pertencem a si mesmos, passam a ser exemplos para os seus irmãos e não podem falsear a verdade. Têm de ser fiéis à lei divina e procurar sempre viver alerta, para não caírem nos erros de interpretação. Devem ser modelos em tudo. Nunca podem deixar-se dominar pelo amor-próprio, que é sempre um mau conselheiro e que todo espírita deve rechaçar, mormente os que dispõem de inteligência superior à da generalidade. Os que se destacam por sua compreensão podem tirar grandes benefícios de sua missão, elevando-se a grande altura espiritual, se empregarem sua existência em benefício de seus irmãos, fazendo-se modelos das virtudes e práticas referidas. Mas podem também contrair grandes débitos, se empregam sua superioridade para satisfações pessoais, ou se, agindo sem o

devido cuidado, não conseguem produzir os frutos que deviam. Apesar de minha insignificância, tremo somente ao pensar que poderia cometer alguma falta, que por descuido ou amor-próprio, ou por falta de amor a Deus e de gratidão ao Senhor, ou ainda por falta de indulgência, amor e caridade, pudesse ser causa do extravio de alguns de meus irmãos.

Não podemos ser infalíveis. Mas, quando falhamos na prática da lei divina, se essa falha só prejudica a nós mesmos, devemos corrigi-la, e se exorbita de nós e pode prejudicar aos nossos irmãos, na prática do Espiritismo, devemos estar prontos a dar todas as satisfações necessárias, socorrendo-nos de todas as virtudes que o caso requeira, até apagar de uma vez as manchas da falta cometida.

Acontece, às vezes, que são duas pessoas que exercem uma influência decisiva sobre os irmãos de um Centro. Essas pessoas devem evitar sempre a formação de dois partidos, mantendo os irmãos sempre na maior união possível. Mas se a influência de ambas não basta para manter a unidade e o amor entre os irmãos, que devem sempre reinar nos Centros Espíritas, só lhes resta colocar-se nos últimos lugares, selando suas bocas e só falando para lembrar os ensinamentos do Senhor. Faz pouco tempo, alguns espíritas me procuraram para dirimir suas questões, dando razão ao lado que me parecesse mais certo. Atendi-os, para que não dissessem que não os quisera ouvir. A questão consistia em que alguns haviam dirigido certas palavras desrespeitosas a outros. Quando me pediram um parecer, respondi-lhes o seguinte:

“Os que pronunciaram essas palavras pouco caridosas pensaram, antes de fazê-lo, no dever espírita de praticar a lei de caridade, amor, indulgência e fraternidade, a que nos obriga o Espiritismo? E os que foram ofendidos, antes de se melindrarem, não se lembraram de que o Senhor e Mestre deixou-se beijar pelo apóstolo traidor, e não respondeu nem uma palavra aos insultos, aos golpes, às feridas que lhe infligiam os seus verdugos, mas antes os perdoou e pediu perdão para eles?”

E então concluí:

“Ide, pois, aprendei o que o Espiritismo vos ensina, inteirai-vos bem do que o Senhor determina em seu Evangelho e do que ele mesmo fez. E quando estiverdes bem inteirados e puserdes em prática vós mesmos esses exemplos e ensinamentos, então me direis quem está com a razão e quem não está.”

Assim, entendo que não é fácil haver dissensões onde reinem o amor, a caridade e a humildade. Porque cada um se considerará como o servidor dos outros e terá prazer em sê-lo, porque saberá que assim dá cumprimento à lei e assim se desenvolve. Saberá ainda que por esse caminho chegará à sua felicidade, enquanto pelo caminho contrário lavraria a sua própria ruína, que mais hoje, mais amanhã, terá de enfrentar. Entendo também que podem aparecer problemas de difícil solução. Nestes casos, os mais prudentes se calam e suplicam o auxílio de Deus, esperando que o tempo e os acontecimentos dêem remédio aos males.

Só se recorre a uma medida extrema quando nem a caridade, nem a indulgência, nem o amor e a humildade podem remediar esses males. Mas essa medida deve ser executada com prudência, através das boas maneiras recomendadas pela mais elevada moral, evitando-se murmurações e sobretudo fatos que possam originar escândalos, fora do meio espírita, porque então se incorre numa grande falta, pois escândalos e publicidade causam grandes danos aos que nos observam. Essas coisas dão motivo a que se considerem os espíritas como homens que não seguem nenhuma doutrina moral.

Em resumo:

- Entendemos que nos Centros Espíritas deve haver aqueles que dirijam e ensinem, mas estes não se fazem por meio de votação ou da vontade de alguns irmãos, pois que já vêm escolhidos do Alto; por isso, é preciso o maior cuidado em saber reconhecer os que estão mais aptos para o trabalho especial; uma vez reconhecidos, deve-se procurar fazer com que ocupem o lugar para o qual vieram ao Centro, e enquanto não houver motivo, deve-se fazer com que permaneçam no posto, pois do contrário corre-se o risco de perder a verdadeira orientação lógica e cair em graves erros.⁴

- Não nos cansaremos de repetir: nos Centros onde reinem o amor e a adoração ao Pai, em espírito e verdade; a admiração, o respeito e o amor ao Senhor; a indulgência, a caridade e a humildade, não faltarão paz e harmonia entre os irmãos. Pelo contrário, sua vida deslizará mais tranqüila, sentirão a alma leve e alegre, porque muitas vezes receberão a influência dos bons Espíritos. Farão grande progresso e terão uma recompensa no mundo espiritual, mais do que podem calcular.

IV

O espírita e a humanidade

Disse o Senhor: “Vós sois o sal da terra; se o sal perder o seu sabor, com o que se há de salgar?” E foi como se dissesse que sois a luz do mundo; se a luz perder a sua claridade, com o que se iluminará? Todo espírita que fez profissão pública de sua crença não deve jamais esquecer-se de que, por onde passa, aonde vai, e onde freqüenta, está sendo observado e estudado.

Por que nos observam e estudam, para ver como agimos nós, os espíritas, pois sabem que a nossa maneira de pensar é bem diferente da maneira dos que não seguem as nossas idéias. De forma que devemos ter bem presentes aquelas palavras de um grande espírito: “Prudência no pensar, prudência no falar, prudência no agir”. Porque, se nos esquecermos das regras que o Espiritismo nos prescreve, algumas das quais estão anotadas nos capítulos anteriores, podemos cair no ridículo, por não estarem os nossos atos de acordo com a moral que o mundo espera de nós.

Essa moral, quando bem praticada, é o melhor meio de propagar e exaltar os nossos princípios; de maneira que uma atitude correta e cheia de doçura tem grande poder de atração, e podemos conquistar com ela a simpatia de muitos, fazendo-nos agradáveis pelo nosso trato. Nossas maneiras e costumes são o primeiro instrumento que todo espírita deve usar na propaganda doutrinária: primeiro agir, depois falar; a não ser que a necessidade e as circunstâncias nos obriguem a falar primeiro. Quando assim tivermos de fazer, devemos ser muito prudentes e humildes, dando provas de uma excelente educação. Porém, sempre que possível, devemos agir primeiro. Vale mais que nos conheçam primeiro por nossas obras, do que por nossas palavras. Assim, quando chegar a hora de falarmos, nos escutarão com mais respeito e seremos atendidos.

Evitemos entrar na propaganda de nossas idéias, aguardando a ocasião oportuna. Começemos então por demonstrar o que é a moral do Espiritismo, quais as suas tendências e os seus fins, que são tornar os homens melhores, conquistar a paz para a humanidade e revelar um porvir mais feliz do que aquele que nos espera na Terra. Só devemos entrar na explicação dos fenômenos espíritas quando as pessoas a quem falamos já tenham aceitado a moral, compreendendo algo de sua sublimidade. Nesses casos em que pudermos falar dos fenômenos, devemos explicar aqueles que podem ser mais bem compreendidos, de acordo com o alcance dos nossos ouvintes.

Temos ouvido, às vezes, alguns espíritas exporem fenômenos entre pessoas estranhas à doutrina, dando explicações de fatos que estão muito fora do alcance dos ouvintes. Isso quase sempre resulta em burla ou em maior incredulidade, porque o espírita é logo considerado como fanático, perdendo assim toda influência moral sobre essas pessoas. Por isso, a propaganda moral é quase sempre bem recebida, e mais ainda, se o espírita que a propaga sabe portar-se de maneira correta, o que é muito fácil para todo espírita estudioso, que esteja bem compenetrado do que o Espiritismo lhe prescreve.

Não se deve olvidar que um dos primeiros mandamentos da lei é: “Amarás ao próximo como a ti mesmo”. Se bem que seja muito difícil praticar este mandamento ao pé da letra, não é menos verdade que os espíritas estão obrigados a praticar a caridade com os seus irmãos de crença. Ora, se entre nós devemos ser indulgentes, benévolos, e devemos ajudar, fechar os olhos e até perdoar, não haveremos de fazer menos para a Humanidade.

Os não-espíritas empenham-se às vezes em questões, alterações, disputas, rixas e não raro se maltratam. Devemos fugir inteiramente de tudo isso. Se com boas maneiras podemos colocar as coisas nos seus lugares, é assim que devemos fazer. Mas, se para tanto devemos afastar-nos das regras prescritas, é preferível calar, buscando a melhor maneira de sairmos da dificuldade. E se, apesar da nossa prudência e do nosso amor, não pudermos livrar-nos das contendas, devemos sofrer com paciência as iras da

ignorância e da má fé. Devemos perdoar sem reservas, do fundo de nossa alma, e pagar o mal com o bem, sempre que possível.

Por isso, não podemos olvidar a figura do Mestre e Senhor. Ele é o modelo, a verdade e a vida. Que disse Ele, quando o insultavam, apostrofavam, maltratavam e cuspiam? Nada. Baixava os olhos e perdoava em seu coração. Pois se Ele, que era tão elevado e tanto podia, fez exatamente como ensinou, faremos nós o contrário? Desgraçado do espírita que tem a oportunidade de devolver o bem como pagamento do mal, e não o faz! Desgraçado do espírita que pode perdoar e não perdoa! Pois dias virão em que exclamará: “De que me serviu saber o que sabia, e de me haver chamado espírita? Mais me valera nada saber, para não arcar com tamanha responsabilidade!”

Há espíritas que, guiados por sua ardente caridade, se dedicam a curar enfermos por meios magnéticos, seja com água, seja com passes. Quando a estas práticas não se misturam segundas intenções, havendo apenas um amor ardente pelos enfermos e o desejo puro de fazer o bem, com ardente fé no Pai, podem alcançar-se bons resultados. Entretanto, deve-se considerar que, se o espírita deve usar de prudência em todos os casos, muito mais deverá usá-la quando pretende dar saúde aos enfermos. Deve ele levar uma vida muito pura, isenta de falhas e defeitos que possam retirar-lhe a boa proteção, porque, do contrário, em lugar de fazer bem aos enfermos, lhes fará mal, prejudicando-os.

Aquele que deseja aliviar ou curar a Humanidade doente, mesmo que apenas no âmbito das suas relações particulares, deve levar uma vida de santidade. Chamemo-la assim, para melhor distinguir o que a pratica, tanto mais se o espírita que cura não for dotado de conhecimentos médicos ou de outra ciência que o autorize a tanto. Os que, porém, só o fazem por amor à Humanidade devem despojar-se de tudo o que possa empanar o brilho de seus espíritos, para que o seu perispírito e o seu corpo possam transmitir os bons fluidos. De maneira que devem aplicar-se constantemente a seguinte máxima: “Se queres curar aos demais, cura primeiro o teu corpo e a tua alma, pois, do contrário, como curarás aos outros, se estás enfermo?”

Claro que devem ser observados os costumes e as maneiras que atrás assinalamos, abstando-se de fazer aos enfermos promessas que não podem ser cumpridas. Pois o que se dedica a práticas tão elevadas nunca deve confiar em suas próprias forças, mas conta apenas com o seu bom desejo, a sua boa vontade, e sobretudo com a ajuda de Deus e dos bons Espíritos, procurando ter fé nAquele que curou os cegos, os paralíticos, e ressuscitou os mortos. Assim fazendo, muito poderá esperar do Todo-poderoso, e sua missão será uma consolação para os que choram e os que sofrem.⁵

Mas não deve olvidar que precisa dar de graça o que de graça recebe, porque é muito prejudicial e antiespírita fazer da proteção do Alto uma profissão lucrativa. É bom fazer a caridade, mas é muito mau explorá-la.

Em resumo:

- A Humanidade geme, chora, desespera-se, pelo muito que sofre; o egoísmo tudo devora; as vítimas da maldade se sucedem sem parar; as religiões se desviaram do caminho; os homens de bem, intermediários entre a Humanidade e a Providência, são escassos;
- os espíritas estão encarregados de trazer a luz, já que sabem porque a Humanidade sofre, porque chora, porque se desespera;
- sacrifiquemo-nos, pois, para poder explicar-lhe a causa de seus sofrimentos, de suas lágrimas, de seu desespero;
- procedamos de maneira a mostrar que a dor depura, eleva, santifica, exalta, e assim cumpremos a nossa missão.

O espírita que muito deseja fazer por seus semelhantes não deve perder de vista o Senhor – quando o açoitavam atado ao pilar, quando o coroavam de espinhos, quando carregava a cruz, quando consumava o seu sacrifício –, para saber imitá-lo em seus atos de amor pela Humanidade, de abnegação e de sacrifício.

“Vós sois o sal da terra; se o sal perder o seu sabor, com o que se há de salgar?”

V

O espírita na família

Se o Espírita deve ser prudente, virtuoso, tolerante, humilde, abnegado e caridoso, entre os seus irmãos de ideal e no seio da Humanidade, quanto mais o deve ser na família! Se são sagrados os deveres que temos de cumprir entre nossos irmãos e na Humanidade, muito mais o são os que temos de cumprir na família. Porque devemos considerar que, além dos vínculos que nesta existência nos unem com laços indissolúveis, temos sempre histórias passadas, que se enlaçam com a história presente.

Os que não são espíritas atribuem tudo à casualidade. Nós sabemos, porém, que não há efeito sem causa e que as contrariedades ou alegrias de hoje são a continuação de nossas vidas passadas. Por isso, o espírita deve ver na sua família um grupo que lhe foi dado em custódia, e para o qual tem muitos deveres a cumprir e muitos sacrifícios a fazer. Por isso, o esposo deve ser o apoio e o sustentáculo da esposa; deve amá-la, respeitá-la, protegê-la, aconselhá-la, orientá-la, e proporcionar-lhe, em todas as circunstâncias da vida, o que for necessário. Também a esposa deve obediência, amor, respeito e sinceridade para com o esposo, sendo este, para ela, sempre a primeira pessoa a quem deve confiar os seus segredos e todas as suas tendências, sem faltar jamais ao respeito e à obediência, que deve ao que Deus lhe deu como guia neste mundo de dor.

Sei que para muitos estas palavras são desnecessárias. Mormente quando os esposos têm as mesmas tendências, são ambos de bom temperamento e sentem as mesmas aspirações. Mas, quando há entre eles temperamentos opostos, ou um mau gênio que torna difícil a união, já é outra coisa. E se o esposo entra em choque com a família, que não quer aprovar as suas idéias, nem concordar que professe o Espiritismo? Como se arranja esse chefe de família? É muito difícil prescrever regras para casos particulares. Só podemos dizer, neste caso, que o espírita deve escudar-se em sua prudência, com tato e paciência a toda prova. É então que deve estar mais ligado ao Alto, ter muito amor ao Pai, recordar sempre a paciência e a abnegação do Senhor, e permanecer em contato com o seu Guia Espiritual, por meio da oração e pela prática da indulgência para os que o atormentam.

Sua conduta na família deve ser um belo modelo de todas as formas da virtude, para que o exemplo possa um dia levar à compreensão, ou pelo menos à tolerância da parte dos seus. E mesmo que a tanto não seja possível chegar, que não se rebele, que se deixe sacrificar, se for necessário, lembrando-se de que o hoje é o resultado do ontem, pois assim fazendo poderá esperar grande recompensa. Vi, na minha vida de espírita, dois irmãos que sofreram muito com suas famílias. E, apesar de seus sacrifícios, de sua paciência e abnegação, não conseguiram a tolerância dos familiares, sendo constantemente objeto de zombaria e de desprezo por parte dos seres mais queridos. Desses dois irmãos, já desencarnados, tive ocasião de receber comunicações que, moralmente falando, são de enorme elevação e demonstram uma felicidade tão grande, que, posso assegurar, nenhum outro jamais demonstrou, entre os desencarnados na nossa época.

O sacrifício foi grande na Terra, pois nada é mais doloroso do que ver-nos desprezados e ridicularizados por aqueles que amamos. Mas esses sofrimentos são duplamente recompensados por nosso Pai, nosso Deus, que tudo tem em suas mãos, tudo sabe e tudo pode. Aliás, estas situações são excepcionais e poucos se encontram nelas. O mais comum é o espírita ser pai de alguns filhos cuja missão não está isenta de perigos, sendo às vezes necessária uma abnegação a toda prova, dirigida pelo bom senso espírita.

Às vezes, nem todos os filhos são bons como o pai deseja. Pelo contrário, acarretam desgostos e dissabores, que redundam em grande sofrimento. Os pais, então, precisam saber sofrer, tendo muito

cuidado em manter o mesmo afeto para com todos os filhos, tanto para os bons, como para os que os desgostam. O espírita deve sentir o mesmo amor por todos os seus filhos. E não deve olvidar que os mais necessitados de sua misericórdia são os menos providos de bondade e compreensão. Há filhos que levamos pela mão a toda parte, e há outros que não basta tomá-los pela mão, é preciso arrastá-los. Conheço pais espíritas que, embora amando a todos os filhos, deram preferência aos mais pacíficos e mais obedientes. Se isto não fosse mais em aparência do que na realidade, poderia ser uma boa maneira de conduzir os demais ao bom caminho. Mas não foi assim. Pelo contrário, dando preferência a alguns, relegaram os demais ao olvido. Esta é uma prática errada, que pode custar caro ao que a exercita.

É verdade que às vezes o pai não pode tratar a todos da mesma maneira, em virtude da diferença de conduta e de compreensão dos filhos. Mas o pai e a mãe devem manter o amor em seus corações, e, se possível, muito mais forte pelo filho que mais necessita, seja por seu atraso moral ou por outros motivos. Pois todo espírita que tenha filhos não deve olvidar que não os tem por acaso. Não foi por casualidade, mas obedecendo a um plano providencial, para o seu bem e o de seus filhos, que eles nasceram. Quem sabe foram inimigos, que têm dívidas a acertar, e por isso Deus os pôe um ao lado do outro, unidos pelos laços de família, para um pagamento que de outra forma não poderiam fazer! Quem sabe a mulher abandonada de outras existências, que serviu apenas para satisfazer caprichos, vem agora reclamar o apoio a que tem direito! Por isso, o espírita, se deve ter o maior cuidado na educação de todos os seus filhos, mais ainda há de velar pelos filhos que vieram carregados de imperfeições e são causa de grandes desgostos.

Quantos casos há, entre os encarnados, que, se pudéssemos conhecê-los, nos fariam baixar a cabeça e pôr-nos de sobreaviso! Na verdade, não podemos conhecê-los. Basta-nos saber, porém, que não há efeito sem causa, e que Deus, na sua infinita sabedoria, nada faz de inútil nem de injusto. Assim, quando o homem encontra uma esposa má, ou a mulher encontra um mau marido, não é por acaso, mas por uma sábia determinação. Se um bom pai tem filhos maus, não se trata de castigo, mas das consequências de uma lei justa. O espírita, que conhece todas estas coisas e ainda muitas outras, não pode considerar a vida como um simples passeio, mas como uma seqüência de fatos que o ferirão até o mais fundo da alma, que o farão sofrer e derramar lágrimas. Mas justamente por isso deve ser forte, de ânimo firme, compassivo e abnegado, caridoso para com todos e muito especialmente para com as imperfeições dos seus filhos, depósitos sagrados que o Pai lhe concede, para que seja o seu protetor e guia, a fim de fazê-los avançar pelo menos um passo, no caso de não poder fazer mais.

Todo espírita deve proceder com muito cuidado na missão da paternidade, para jamais se deixar arrastar por uma atração de causa desconhecida, em favor de uns filhos, nem pela frieza que pode sentir em relação a outros. A justiça e o dever devem regular essas afeições ou repulsões secretas, que brotam da alma. Já dissemos que um filho nosso pode ser um grande inimigo de outras existências, ou um amigo carinhoso. E não há dúvida que, nas profundezas de nossa alma, ressoam ainda as lembranças do passado. Daí a razão da eficiência do Espiritismo, para fazer-nos progredir, pois sua solução definitiva é que devemos amar, amar e amar. Sim, amar aos que nos querem, aos que nos odeiam, aos que nos protegem ou nos perseguem, aos que nos fazem bem ou nos desejam o mal. Por sinal que este mandamento, que é lei para a convivência humana em geral, mais ainda o é no seio da família. O espírita que tiver o amor como lei e prática, não estará em trevas. Sua vida terrena fluirá placidamente, e depois dela alcançará a felicidade.

Quando o espírita não tem esposa e filhos, mas tem ainda os pais, não deve esquecer o dever de tributar-lhes todo o respeito, carinho e amor. Há de considerar que foram na Terra os representantes da Providência para ele, o que o obriga a lhes dar paz, consolo, proteção e amparo. Está no dever de fazer por eles o que deles recebeu, e mesmo que seus pais não se tenham portado bem, não está menos obrigado. Porque, nesse caso, eles pertenceriam à ordem dos espíritos inferiores, e o espírita deve ser um exemplo constante de virtude e abnegação, para que eles aprendam o que não sabiam: cumprir com os seus deveres.

Em resumo:

- Cremos que o espírita, em todas as situações da vida, há de portar-se como bom filho, bom esposo, bom pai, bom irmão e bom cidadão;
- será praticante da lei divina, cujo sentido prático está no ensinamento e no exemplo do Senhor e Mestre;
- será luz para iluminar os que estão ao seu redor;
- será mensageiro de paz e de amor para todos;
- e levará a paz das Moradas de Luz até os homens da Terra.

VI

O espírita perante si mesmo

Todo homem é demasiado indulgente para consigo mesmo. Sempre encontra meios para justificar a sua conduta, ainda que esta não seja suficientemente correta. Procura sempre desculpar os seus defeitos e atenuar as suas faltas. Tanto assim é, que ouvimos amiúde, daqueles a quem falamos de Espiritismo: “Eu não creio em nada, apenas acompanho a maioria; mas, no tocante à outra vida, acho que o melhor é fazer todo o bem possível. Assim, se houver alguma coisa depois desta vida, nada de mal poderá acontecer-me.”

Esses homens entendem que praticam o bem sendo bons pais, não fazendo nenhum mal, nem em sua casa nem fora dela, pagando todas as suas dívidas, cumprindo seus compromissos e dando algumas esmolas quando lhes apraz. Acreditam que assim cumprem o seu dever e estão preparados para quando forem chamados a juízo. Mas como estão enganados! A sociedade procede mal, e o que às vezes para ela é comum constitui falta grave perante a lei divina. Não basta evitar o mal. É necessário fazer o bem, muito bem. E como o homem sabe se está fazendo o mal ou o bem, se não segue a lei divina, mas observa apenas a lei humana?

Ainda que cumpra os seus deveres sociais, onde estará a prática do amarás ao próximo como a ti mesmo? E do pagarás o mal com o bem; se te ferem numa face voltarás a outra; bendirás aos que te caluniam? As leis humanas não abrangem as faltas que não figuram no código penal, mas as leis divinas alcançam a todas as faltas que se relacionam com a consciência. Por isso, os que pensam como acima estão equivocados. Pois se vivem em paz, segundo a lei humana, estão em falta com a lei divina, e quando chegar a sua hora sofrerão as consequências desse erro. Por outro lado, enquanto continuarem pensando e agindo dessa maneira, a sociedade não se reformará, e todos continuarão sendo vítimas do próprio egoísmo e da falsa interpretação da lei, que inevitavelmente dará a cada um segundo as suas obras.

Nós, os espíritas, não devemos proceder assim. Todo espírita deverá ser muito severo consigo mesmo. Nunca, em seu íntimo, deve desculpar-se uma falta, nunca deve procurar atenuantes para justificar a sua conduta, quando esta deixa o que desejar. Deve ser sempre o primeiro e o mais severo juiz de si mesmo. Não pode olvidar que está neste mundo e tem de sofrer e lutar por causa do seu atraso, das suas imperfeições e das suas deficiências, e que urge libertar-se de tudo o que seja contrário ao amor, à virtude, à caridade, à justiça. Pois, do contrário, em vão procurará a paz e nunca poderá honrar a doutrina que professa, nem será digno de chamar-se espírita.

Bem sabemos quanto é difícil sermos justos em todas as coisas. Mas o espírita, embora ainda conserve os resíduos do que foi no passado, deve lutar constantemente para avançar no caminho da depuração, sem desalentar-se diante das dificuldades que encontra para reabilitar-se, até chegar a ser uma criatura inteiramente digna. Para se conseguir isso, aconselhamos uma prática que temos seguido durante muitos anos, e que nos deu os melhores resultados, ajudando-nos a obter todas as condições necessárias para atingirmos o nosso propósito de viver com justiça, dentro do amor de Deus.

Cada espírita procurará, todos os dias, antes de deitar-se, fazer um exame de tudo o que sentiu e realizou no correr da jornada. Há três maneiras de cometer faltas: por pensamentos, palavras e ações. A falta por pensamento decorre de paixões injustas ou mal contidas, de não ser indulgente para as faltas do próximo, de cobiçar coisas indevidas. O espírita pode sentir desejos condenados pela lei divina.

Falta por pensamentos – Os espíritos perturbadores muitas vezes tentam o espírita através dos desejos indevidos. Muitas vezes conseguem mantê-lo sob o seu domínio. Ainda que ele não chegue a cometer a

falta, isso causa mal-estar e lhe impossibilita, enquanto está sob a tentação, conceber bons pensamentos e bons desejos, e portanto praticar o bem. Ao fazer o exame diário, vendo que está sugestionado por maus pensamentos, o espírita deve tomar o firme propósito de resistir a essas influências impuras e descaridasas. Para isso, pedirá forças ao Pai, recordará a pureza das palavras e dos atos do Mestre Sublime, e não deve esquecer-se de que todos temos um Anjo-Guardião, encarregado de guiar-nos, o qual terá muita satisfação em colaborar na nossa regeneração, ajudando-nos como seu protegido, desde que persistamos nos bons propósitos.

Às vezes não se consegue um resultado imediato. Ainda que isso aconteça, o espírita que cometeu falta por pensamento não deve acovardar-se, mas persistir, dia a dia, em seus bons propósitos, pedir e confiar, e verá depois como os seus esforços serão coroados de completo êxito. Então se sentirá mais tranqüilo, os bons pensamentos o envolverão e ele conseguirá sem mais dificuldade entregar-se à prática do bem.

Confiante na lei de evolução, e sabendo que a construção do bem é difícil num mundo ainda inferior como o nosso, onde prevalece o mal, o espírita não pode e não deve acovardar-se aos primeiros fracassos. Mesmo que a vitória demore, o seu dever é lutar, apelando constantemente ao Alto, pois a Doutrina lhe ensina que não fomos feitos para a perdição, mas para a salvação. Se as forças às vezes lhe faltarem, deve levantar-se de cada queda fazendo novos propósitos de vencer e renovando seus pedidos ao Espírito Protetor.⁶

Falta por palavras – Se cometeu falta por palavras, sendo indiscreto por imprevidência, intolerante ou brutal, o espírita não deve tomar-se de amor-próprio, mas, reconhecendo o seu erro, há de, sem mais tardar, procurar o ofendido ou os ofendidos e dar-lhes plena satisfação, com absoluta sinceridade, demonstrando verdadeiro arrependimento, até conseguir que a falta lhe seja perdoada. Então, ao fazer o seu exame de conduta, o espírita tem mais o que pedir ao Pai e rogar ao Senhor, que tão amável foi para com todos. Deve chamar com veemência o seu Guia Espiritual, procurando tomar as boas resoluções que sejam necessárias para corrigir-se desse defeito, fazendo tudo para cumprir os bons propósitos que tomar.

Se não consegue vencer tão depressa como desejaria, não deve tampouco se acovardar, mas resistir e perseverar, pedindo, arrependendo-se e dando tantas satisfações aos outros, quantas forem necessárias, cada vez que incorrer nessa falta. Tudo isso sem esquecer-se de que essa conduta lhe garantirá a proteção do Alto e o porá em condições de ser reconhecido, pelas pessoas de suas relações, como uma criatura de boa vontade, apesar de seus defeitos. Essa atitude fará que, sem muita demora, veja corrigidos os impulsos que o levavam à falta por palavras.

Falta por ação – Se a falta é por ação, é mais grave, e o espírita deve procurar, por todos os meios possíveis, evitar nela incorrer de novo. Há ações que podem constituir faltas leves, como outras que podem ser graves. As primeiras, o espírita pode corrigi-las com a ajuda de Deus, dos bons Espíritos e dos seus irmãos encarnados. Digo com a ajuda destes também, porque o espírita, quando incorre numa falta dessa natureza, não deve fiar-se em si mesmo, mas, além dos seus propósitos e da ajuda dos bons Espíritos, deve ainda procurar o conselho dos irmãos mais experientes, que tenham já adquirido outro temperamento e outras virtudes. Sendo humilde e estando realmente arrependido de suas faltas, os irmãos podem ajudá-lo com seus conselhos. Assim, com o auxílio do Alto, dos irmãos na Terra, e firmando-se nos seus propósitos, pode chegar a corrigir-se e tornar-se um espírita correto.

Se a falta é grave, acarreta conseqüências que não se apagam apenas com bons propósitos, pois exigem também a expiação. Por isso aconselhamos a todo espírita, que tenha infelizmente incorrido numa falta grave, a prática de uma grande penitência, como único meio de apagá-la. Entendemos por penitência o esquecimento absoluto de tudo o que possa desviá-lo da correção necessária; uma vida de recato, de abnegação, sofrendo tudo por amor a Deus e como meio de reparação; dedicar-se à caridade para com os pobres, os doentes, os aflitos, sem pensar senão em agradar a Deus e ser útil ao próximo, na medida de suas forças. Somente assim conseguimos apagar as faltas graves. Assim, pois, o espírita que, nos exames de consciência, encontrar-se desgraçadamente neste caso, terá de fazer grandes esforços de

arrependimento e muitos propósitos decisivos, não recuando até conseguir a sua reabilitação. Muito podem o arrependimento, a oração e a prática da caridade.

Os espíritas que seguirem os nossos conselhos e as práticas que indicamos nos capítulos anteriores muito poderão adiantar-se e muito poderão encontrar na vida futura. Do contrário, muito difícil lhes será sair desta existência e ter uma vida tranqüila e feliz no Espaço.

Há espíritas – e não são poucos – que vivem seguindo os impulsos do seu coração, sem preocupar-se com as faltas de pensamento e de palavras. Embora atentem para as ações, não dão suficiente importância ao problema da justiça na conduta. Esses, ainda que não pratiquem faltas graves, vivem sem uma regra segura e não avançam, e em muitas coisas se diferenciam pouco dos que não são espíritas. Esses irmãos vão mal, e estão expostos a cair em más condições quando deixarem a Terra. O procedimento de hoje pode custar-lhes no futuro muitas lágrimas e muitos sofrimentos. Por isso, muitos espíritas desencarnados, segundo temos visto em nossos estudos, caíram em má situação, sendo poucos os que adquirem uma posição brilhante no Espaço.

É a falta de estudo de si mesmos, de cuidado na maneira de pensar, de falar e de agir, que acarreta essas conseqüências. Há, pois, que viver apercebidos, não se distrair na vida terrena e aproveitar-se dela para o progresso, para a conquista do verdadeiro bem-estar. É necessário orar, pedir, suplicar, e também se aconselhar com os que têm mais experiência da vida de purificação. Há que consultar livros de moral espírita, sobretudo *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, no qual estão previstos muitos dos perigos com que nos podemos defrontar na vida terrena.

É preciso não esquecer – e isto todos os espíritas devem ter em mente – que o tempo de nossa vida na Terra é sumamente curto, e que o tempo que teremos de passar, e que sem remissão nos espera no Espaço, será sumamente longo, sendo felizes ou infelizes, segundo tenhamos cumprido ou deixado de cumprir os nossos deveres espirituais. Procuremos, pois, progredir em virtudes, em amor, em adoração ao Pai, em respeito e veneração para com os nossos semelhantes, e não duvidemos de que a nossa felicidade será grande. Terão chegado ao fim os sofrimentos e os males, que por tantos anos nos afligem e nos mantêm retidos em planetas de expiação.

VII

O espírita perante o sofrimento

Sabemos que a Terra é lugar de expiação e dor, como sabemos que a dor purifica e eleva. A dor é um dos meios pelos quais progredimos mais rapidamente. Como, pois, devemos encarar as dores e os sofrimentos físicos da vida? Com calma, resignação, e até com alegria, lembrando sempre que a dor é o caminho mais rápido para a nossa ascensão às mais altas regiões, e o meio mais seguro de afastar-nos das veleidades humanas.

Temos visto espíritas que souberam sofrer com resignação e alegria. Embora nos momentos de paroxismo da dor estivessem quietos e sérios, e às vezes cansados, o que é muito natural, uma vez passados esses momentos estavam relativamente tranqüilos e alegres. E quando a doença lhes dava tréguas, mostravam-se expansivos e dispostos a exaltar a Justiça de Deus. Foram poucos os que vimos. Mas os que desencarnaram, e dos quais pudemos saber posteriormente, mostravam-se sempre num estado muito feliz no mundo espiritual, satisfeitos por haverem sabido sofrer com serenidade as dores da existência material.

Vimos outros espíritas que, embora aparentassem resignação, também choravam e lamentavam seus muitos sofrimentos. Entendo que esses espíritas não andavam bem, e não estavam livres de cair. Porque a tristeza engendra o mau humor, que pode dar lugar à murmuração contra o destino. E quando chegamos à murmuração, estamos a um passo da revolta. Um espírita nesse estado revela atraso moral e desconhecimento da lei divina. Que diríamos de um comerciante que reclamasse de ter muitos negócios a realizar, ganhando muito dinheiro? Diríamos que era um mau comerciante, incapaz de aproveitar as boas oportunidades. Assim são os espíritas que, diante das dores da vida, se entristecem ou se atribulam, e às vezes se revoltam.

O espírita deve encarar a existência material como um curso de provas de toda espécie: físicas e morais, que servem para levá-lo a um verdadeiro progresso. Nunca deve confundir essa existência com a verdadeira vida, mas encará-la como um período de estudos e provas, em que se prepara com vistas a esta última, que se encontra na erraticidade. Cada dia que passamos na carne corresponde a milhares de anos que iremos viver no Espaço. Que significam, pois, estes pequenos períodos que chamamos de vida material, diante da vida espiritual que nos aguarda? Se a lei nos obriga a sofrer, porque nada na Criação escapa à Justiça, devemos fazê-lo com a maior serenidade. Pois sabemos que isso constitui para nós um grande bem, e que chegamos à hora de provar se o Espiritismo mergulhou em nosso interior ou se permanece apenas superficial. Se é superficial, não podemos chamar-nos espíritas. Se estiver arraigado no mais fundo de nossa alma, saberemos encarar as provas e dores da existência como necessárias, e honraremos a doutrina que professamos.

Nenhum espírita deve duvidar que no Reino de Deus não se entra de surpresa, nem se atinge a felicidade senão depois da purificação. Assim é que as comodidades, as alegrias mundanas, os gozos da Terra, não são os caminhos indicados para alcançarmos a felicidade no espaço. Também não deve duvidar que, quanto mais próximo se acha da sua felicidade espiritual, mais submetido será a todas as provas terrenas. Basta recordar a vida dos mártires, dos justos, dos humildes e dos bons, e compará-la com a maneira de viver dos grandes do mundo, dos opulentos, dos potentados, para ver que enquanto os primeiros tem os olhos voltados para o futuro, os segundos não vêem mais do que as delícias mundanas. Disso nos dá uma excelente prova o Senhor e Mestre, em seus mandamentos e em seus atos:

Bem-aventurados os que sofrem, porque deles é o Reino dos Céus.

Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados.

Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus.

Estas são as palavras do Senhor. Confiemos n'Ele. Sigamos seu exemplo. Todo espírita submetido a grandes dores mantenha-se forte, cheio de clama, de amor ao Pai, de resignação e de submissão à Justiça Divina. E se às vezes a tentação o envolver, que se defenda com a prece, com o amor pelos que sofreram antes dele, não esquecendo jamais que por trás da dor suportada com alegria e calma virá a felicidade na vida eterna.⁷

VIII

Os Centros Espíritas

Os Centros Espíritas devem ser a Cátedra do Espírito da Verdade. Porque, se não servirem ao espírito de luz, sofrerão a influência do espírito das trevas. E desgraçados daqueles espíritas que estiverem sob essa influência, pois, pouco, bem pouco, poderão avançar na sua evolução. Vêem-se alguns Centros Espíritas cair na prática de graves aberrações, por falta de bom senso e por não adotarem as medidas adequadas às circunstâncias. São dominados por influências perversas, contraindo tremendas responsabilidades, em vez de progredirem e se aperfeiçoarem.

As igrejas cristãs dizem que o seu púlpito é a Cátedra do Espírito Santo. Sabemos, porém, que não há santos, no verdadeiro sentido da palavra, mas apenas espíritos mais ou menos adiantados, mais ou menos perfeitos e puros, e que o Espírito da Verdade pode, em dadas circunstâncias, inspirar a um político, a um sacerdote, a um cientista, sejam quais forem as suas crenças, segundo a importância do assunto que estejam tratando; mas isso, não por qualquer espécie de privilégio, senão porque é esse o meio de que a Providência se serve para fazer que a Humanidade progrida, a maneira de que se vale o Altíssimo para produzir as mudanças necessárias à regeneração humana. Nunca, portanto, se poderá atribuir a nenhuma escola, nem religiosa, nem política, nem social, a assistência exclusiva do Espírito da Verdade.

Digo, porém, que os Centros Espíritas devem ser a Cátedra do Espírito da Verdade. E o digo porque, nos Centros Espíritas, realizamos sessões mediúnicas, e nestas, como todos sabemos, recebem-se comunicações que são inspiradas aos médiuns ou a eles transmitidas pelos espíritos. Ora, se estes espíritos não são da verdade, o que será dos que se deixam orientar por espíritos do erro? Não podemos esquecer que as comunicações são ouvidas com a máxima atenção, e que a maioria dos presentes às sessões dão muito mais importância e prestam mais atenção às exortações dos espíritas mais entendidos. Assim, se as comunicações são inspiradas pelo Espírito da Verdade, justifica-se e é de muito proveito a atenção que lhe dispensam; mas, se o comunicante é um espírito leviano ou mistificador, não há dúvida de que a influência exercida sobre os presentes será prejudicial.

Por isso temos de preocupar-nos, com afinco, para que nos Centros Espíritas seja o Espírito da Verdade quem predomine e exorte durante as sessões. E como não há lugar nem fórmula para atrair os espíritos de luz, é necessário observar algumas regras, para atraí-los e fazer-lhes agradável a permanência nas reuniões. Entendo que, para isso, os Centros Espíritas devem ser casa de amor, de caridade, de indulgência, de perdão, de humildade, de abnegação, de virtude, de bondade e de justiça, a fim de que possam atrair os bons Espíritos.

O presidente ou diretor de um Centro Espírita deve ser, em tudo, um exemplo. Porque, se cabe a todos os que constituem o Centro procurar seguir uma conduta modelar, mais ainda o compete ao que dirige e ensina. Este deve ser paciente ao máximo, nunca deve precipitar-se, não pode deixar-se arrastar por influências tendenciosas, sem levar em conta o interesse de todos. Se possível, deve estudar, observando as regras da prudência, o caráter e as tendências de cada um dos irmãos que se encontram sob a sua direção, para instruir e dirigir a cada um de acordo com as necessidades do seu caráter e da sua maneira de ser.

O dirigente nunca deve olvidar que se encontra revestido de um encargo que, embora nada seja entre os homens, é de grande importância perante Deus. Assim, se por descuido ou falta de previsão, ou por falta de amor e caridade, permitir deficiências ou maneiras que possam prejudicar moralmente os outros, será altamente responsável. Não deve olvidar que a direção dos seus irmãos constitui um

depósito sagrado; que um dia lhe renderá grandes benefícios, se bem o tiver cumprido, mas o carregará de grandes responsabilidades, se não proceder como deve. Por isso, todo diretor ou presidente deve viver sempre apercebido dos seus deveres, mantendo o seu pensamento bem elevado, praticando a oração mental, e tendo sempre em mente as leis divinas do Evangelho. Deve recordar a abnegação, o sacrifício e o amor do Senhor e Mestre, para em todas as circunstâncias ter presente a maneira espírita de proceder. Assim, os que o seguem terão motivos de admirá-lo, jamais de censurá-lo. Porque, no seu Centro, ele deve ser a luz, o encarregado da Providência para dirigir os outros. Deve ser o guia espiritual visível de que os irmãos dispõem para a sua direção, instrução e consolo na presente existência. Deve ser, enfim, o que pode livrá-los das quedas, preocupações e trevas da Terra.

Com sua doçura, seu amor e sua palavra persuasiva, sempre mansa e tolerante, deve o dirigente corrigir tudo aquilo que possa ser causa de atração para o espírito das trevas, de maneira que este não encontre meios de interferir nos ensinamentos e exortações que se recebem no Centro. Deve evitar que se converse no recinto sobre levandades e muito menos sobre questões que possam redundar em críticas ou murmurações a respeito de pessoas ausentes. Não deve olvidar que a caridade e o amor ao próximo nos obrigam a só tratar de ausentes para bendizê-los, e quando as circunstâncias nos obrigam ao contrário, devemos tratá-los como a pessoas que muito amamos e que se desviaram. É obrigação do dirigente fazer que os freqüentadores da sessão estejam conscientes do ato que vão realizar, a fim de evitar que más influências impeçam a recepção das instruções do Espírito da Verdade.

Por sua vez, os irmãos que freqüentam e constituem o Centro devem respeitar e obedecer aquele que Deus lhes deu para guia e consolo, pois é grande coisa encontrar na Terra quem nos encaminhe para o Pai, advertindo-nos dos escolhos da vida e evitando-nos as quedas, que tão caras nos saem no futuro. Essa obediência e esse respeito, entretanto, não devem ser de natureza fanática e cega, mas o resultado natural da conduta e das ações praticadas por aquele que se esforça para servir-lhes de exemplo. O homem não deve, de maneira alguma, abdicar da razão e do direito de livre exame, mas deve ser respeitoso para com aquele que trabalha em favor do seu aperfeiçoamento, e suficientemente tolerante para compreender que ninguém é infalível. Assim, ao notar deficiências ou descuidos de parte do dirigente, nunca se deve entregar-se à murmuração e à crítica, mas há de recorrer à prudência, para saber o que convém relevar e o que precisa ser corrigido. Se for necessário recorrer à exortação ou à advertência, é melhor, antes de fazê-lo, consultar os irmãos de maior critério, prudência e caridade. Caso a exortação do dirigente a se corrigir seja necessária, convém buscar a ocasião oportuna e a maneira própria de fazê-la, com tato e prudência, não se esquecendo os serviços e esforços realizados pelo dirigente em seus trabalhos.

No Centro em que assim se fizer, estamos seguros de que o Espírito da Verdade se manifestará nas sessões, e os irmãos participantes progredirão, preparando-se para um bom futuro.

Às vezes ouvimos de alguns irmãos: “Que sorte a minha, por ter conhecido o Espiritismo!” Respondermos: É realmente uma grande vantagem, para bem empregarmos o tempo em nossa atual existência, mas esse conhecimento nos traz também grandes deveres a cumprir. Nós, os espíritas, não podemos viver como o comum dos mortais. Temos de combater os nossos defeitos, adquirir virtudes, viver apercebidos. Temos de ser a luz e o exemplo, para que os homens admirem o Pai e se convertam, entrando na via de purificação.

A luz, a paz, o consolo e a confiança no futuro, que o Espiritismo nos dá, são o quinhão agradável e confortável que ele nos proporciona. Mas a correção que temos de fazer em nós mesmos (pois ninguém é perfeito), o combate aos defeitos, o abandono das futilidades e o aperfeiçoamento das virtudes e da humildade, obrigam-nos a uma auto-observação e a um trabalho constante. Porque, se nos extasiarmos com as vantagens que o Espiritismo nos oferece, esquecendo-nos das obrigações que ele nos acarreta, o que será de nós?

Prescrevemos algumas regras e maneiras de proceder, para os presidentes e diretores de Centros Espíritas. Entretanto, perguntamos a nós mesmos: E tu, que durante tantos anos tens exortado e ensinado, cumpriste essas regras? Foste tolerante, amoroso, caridoso e humilde, como devias ser? Foste sempre oportuno, discreto e abnegado, como aconselhas? Duvidamos. Não obstante, não nos cabe negar nem afirmar, neste caso. Os irmãos, que por tantos anos nos tem observado e seguido, são os que nos

podem julgar. De nossa parte, achamos que não nos faltaram deficiências, conhecemos os nossos defeitos. Sabemos que quase nunca estivemos à altura do encargo. Mas pedimos perdão aos irmãos, pedimos que não nos sigam em nossos erros, e, mais ainda, que continuem a observar-nos, e naquilo em que nos vejam falho, sem caridade e incorreto, sem o necessário senso de humildade e de justiça, que nos exortem à correção, que nos avisem. Mas que o façam também com caridade, não esquecendo que os amamos e desejamos ser amados por eles. Que nos falem como a mãe sabe falar ao filho, que de nossa parte faremos o mesmo. E se acaso não atendermos de pronto às suas advertências, o que pode suceder, em razão das nossas imperfeições, que não se cansem por isso. Farão, assim, uma verdadeira obra de caridade. Podemos, acaso, julgar-nos a nós mesmos? Podemos crer que tudo o que fazemos é bom? Pois para convencer-nos disso precisamos do vosso julgamento, da vossa opinião. Mas suplicamos, irmãos: sede amáveis e benévolos conosco, como temos sido convosco, que essa é a verdadeira caridade.

Deus meu! Deus meu! Terei cumprido fielmente a minha missão? Terei sido para os meus irmãos aquilo que devia ser? Terei sido suficientemente grato aos benefícios que Vós, meu Pai, me tendes concedido? Quando lembro os dias da minha incredulidade, quando recordo aquelas noites passadas entre o sofrimento e a solidão, perdida toda a esperança, perdidos todos os seres queridos, e comparo os dias esperançosos, rodeado de verdades e consolações, que hoje me dão aqueles mesmos que eu considerava perdidos; quando comparo os bens imensos e consoladores que encontrei através do Espiritismo, meu amor se eleva até Vós, meu pai, e compreendo que todos os sacrifícios e trabalhos por mim realizados, em favor de meus irmãos, são bem pouca coisa, comparados aos bens que de Vós recebi.

Por isso, com toda a minha alma vos peço o perdão das minhas deficiências, das faltas que, sem dúvida, terei cometido, da falta de abnegação que certamente tive, da minha pouca humildade e da falta de caridade para com os meus irmãos. E Vos peço luz, muita luz, para que, no pouco tempo que ainda me resta na Terra, possa reparar as minhas falhas e corrigir-me das minhas deficiências, das minhas imperfeições, a fim de que, no cumprimento da minha insignificante missão, possa ainda demonstrar-Vos o meu agradecimento, o meu amor. E nos dias maus que tiverem de vir, fazei, meu Pai, meu Bem Supremo, Grandeza Infinita, que eu possa recordar o grande exemplo do Mestre Divino, do Senhor dos Senhores, do puro e imaculado Jesus!

Ah, que ditoso serei, se nos dias de prova souber recordá-lo e amá-lo! Que feliz hei de ser, se nos dias de angústia puder evocá-lo, coroado de espinhos, subindo a encosta do Calvário ao peso da cruz. Que ventura terei, Senhor meu, se nos momentos de dor souber fazer como Ele, sofrendo sem acusar ninguém, com serenidade e calma, segundo o exemplo da crucificação!

Dai-me, Senhor, a plena consciência da importância que tem para o meu progresso o saber sofrer bem! Dai-me, Senhor meu, Amor Supremo de minha alma, a verdadeira consciência, o verdadeiro conhecimento do que significa o exemplo que nos enviaste, para o nosso bem, para o alívio das nossas aflições! Dai-me a verdadeira compreensão daquilo que posso alcançar se for paciente, submisso, abnegado, caridoso. Não para conquistar méritos, mas para atingir a tranquilidade do meu espírito, que anseia pelo que não encontra na Terra, aspira ao que aqui não existe. Meu espírito deseja o amor-verdade, a fraternidade-verdade, a indulgência-verdade, e compreendo que, para encontrar tudo isso, não posso procurar na Terra, mas em outras moradas.

É por tudo isso, Senhor de minha alma, que Vos peço luz, amor, paciência, virtudes, para que, chegando a minha hora de partir, eu possa ir morar entre os que sabem amar e tolerar, perdoando-se e seguindo o caminho que nos haveis traçado, caminho que nos leva às Moradas da Felicidade!

Irmãos: todos vós que dirigis e que escutais e aprendeis, os que tendes a missão de exortar e os que seguís as instruções do Espaço e da Terra, amai-vos muito, tolerai-vos reciprocamente, corrigi-vos com indulgência. Firmai as vossas esperanças na vida futura. Sede abnegados e caridosos, moral e materialmente, até onde o permitam as vossas forças. E não duvideis que juntando a tudo isso um grande respeito e admiração pelo Pai, até onde possa chegar a vossa admiração, o Espírito da Verdade terá a

sua cátedra em vossos Centros e vos ensinará a seguir, praticamente, Aquele que Deus nos deu por modelo.

Sabeis, irmãos, segundo as suas próprias palavras, que Ele é o caminho, a verdade e a vida, e vos ensinará a fazer dos Centros Espíritas um éden de felicidade. Reinará entre vós a paz dos justos, pois sentiremos já entre nós o prelúdio da paz que há de vir. Nossa missão se cumprirá tranqüila na Terra, e comunicaremos a nossa paz e a nossa esperança a muitos. Seremos a luz do mundo, inspirados e educados pelo Espírito da Verdade.⁸

IX

Enfrentando as tentações

Assim como é muito difícil encontrar na Terra quem esteja sempre em perfeito estado de saúde física, mais ainda é encontrar alguém com perfeita saúde moral. Ninguém é perfeito neste mundo. Assim como a atmosfera e as condições materiais influem diretamente em nosso organismo, predispondo-o a certas enfermidades, os elementos espirituais que nos cercam influem sobre a nossa condição moral. Aproveitam-se das coisas mais insignificantes, para provocarnos sofrimentos e mal-estar interior, objetivando mortificar-nos ou deter-nos na via do progresso.

Os elementos espirituais que nos cercam infiltram-se constantemente em nosso psiquismo, como os elementos atmosféricos o fazem, em relação ao nosso corpo. E criam ao nosso redor condições propícias ao desenvolvimento de enfermidades, se não estivermos aptos a repeli-las. Assim, pois, devemos estar prevenidos para afugentar ambas as influências. Mas assim como, por maiores que sejam as nossas precauções, não podemos afastar de todo as influências do frio e do calor, em suas bruscas variações, tampouco podemos evitar completamente as tentações. O que podemos fazer é não cair na sua rede. Aqui, pois, deve estar a base do nosso método. A isto devemos dirigir toda a nossa atenção, todo o nosso cuidado, mesmo que nos custe o maior sacrifício.

Que fazemos com os elementos atmosféricos? No inverno, abrigamo-nos, e no verão aliviemos as roupas e procuramos os lugares frescos. Mas se, com isso, não evitamos as moléstias do tempo, temos de nos conformar a não lhes dar importância. Sofremos resignados e procuramos resistir o quanto possível, dizendo “Isto é o frio”, ou “Assim é o calor”, e concluimos: “Logo passará”, sem mais nos incomodarmos. Da mesma maneira devemos fazer com as tentações. Porque constituem um mal que atinge a todos, não há ninguém que não as sofra. Quase diríamos: é uma condição necessária. E quase nos atreveríamos a afirmar, indispensável ao nosso progresso.

Entenda-se, porém, que a tentação não tem sempre e para todos os indivíduos o mesmo caráter e as mesmas formas. Da mesma maneira que os graus da virtude e dos defeitos são múltiplos, também são muitas as variedades da tentação. Nem sempre o espírito que nos tenta se limita a excitar desejos e pensamentos maus em nossa mente. Às vezes penetra em nossa consciência e nos faz sentir desejos que nos parecem necessidades próprias, que devemos satisfazer. Tanto podem ser os de ordem física, como a sensualidade e as extravagâncias várias, o descanso indevido, os vícios, e assim por diante, como podem ser os de ordem moral, como desejos de vingança, de crítica maldosa, de paixões exageradas ou de repulsa para determinadas pessoas.

Há criaturas de suficiente retidão e de tão boas intenções, que o espírito das trevas encontra muita dificuldade em penetrar no seu íntimo. Muito amiúde, porém, acontece que essas pessoas, à primeira contrariedade, soltam palavras inconvenientes, em tom áspero, ou excitam-se por pouca coisa, e embora nada de mal sentissem no seu íntimo, o espírito das trevas, que as vinha espreitando, aproveita-se da oportunidade para fazê-la cair. Geralmente, a tentação deita suas raízes em nosso entendimento, e por isso a chamamos assim, mas não é somente dessa maneira que age o espírito das trevas, para fazer-nos cair.

Sucedem às vezes que sentimos uma tristeza e um mau-humor sem motivo aparente, ou por motivo tão insignificante, que nos surpreendemos com o seu efeito. Esse estado é antes um início de possessão do que uma tentação. O espírito que a causa pode não somente tirar-nos a tranqüilidade, mas também comprometer-nos e alterar-nos a saúde. De outras vezes, a forma da tentação ou da possessão é outra. Leva-nos a gostar demasiado de alguma pessoa, sem sabermos porque, a fim de fazer-nos cometer

injustiças. Isto pode acontecer no seio da família ou com pessoas estranhas. Essa forma de ação, como a anterior, pode fazer-nos sofrer muito, e necessitamos de muita força de vontade para vencê-la.

É então que devemos recordar as palavras do Mestre: “Vigiai e orai”. É quando devemos manter o pensamento bem elevado e agir com muita justiça, evitando afastarmo-nos, o mínimo que seja, dos nossos deveres. E, se assim mesmo não pudermos afastar a possessão, nem por isso devemos desanimar, mas pedir e sustentar o pensamento elevado, opondo uma paciência e uma resignação a toda prova às más influências, pois dessa maneira conseguiremos adiantar-nos muito. Estas penas ocultas, que às vezes por nada no mundo comunicaríamos a quem quer que fosse, têm grande mérito perante Deus e fortalecem muito o espírito encarnado.

Nunca devemos olvidar que, na Terra, não teremos jamais a paz completa e que, se alguma vez chegarmos a senti-la, será por pouca duração. Assim, pois, quando formos atormentados por estados como esses, devemos ser fortes, resistir e opor-lhes serenidade, paciência e calma sem limites. Por outro lado, não devemos esquecer-nos de que, apesar do sofrimento que eles nos causam, desaparecem num momento e nos deixam tranqüilos, como se nada houvésemos sofrido. Estas variações ocorrem por causa da luta entre os espíritos que nos amam e os que nos aborrecem. Nunca devemos, pois, desconfiar da ausência dos seres espirituais que nos amam. Pelo contrário, devemos confiar muito neles e pedir-lhes, suplicar-lhes a proteção, quando nos virmos em apuros, pois que muito poderão fazer por nós, se nos pusermos em condições de receber as suas boas influências.

A tentação por pensamento não nos causa tanto sofrimento como a possessão. Para combater esta, devemos extirpar as nossas paixões, os nossos vícios e desejos ilícitos. Todos conhecem esta perturbação, menos os que estão dominados pela incredulidade. Ela começa assim: o espírito das trevas faz que nossos pensamentos e desejos ilícitos provoquem sensações e excitações, quando se apresenta uma ocasião favorável. Temos então de cerrar as portas do pensamento a toda idéia que represente uma infração da lei divina. E se, apesar da resistência, continuamos excitados, devemos colocar-nos no lugar da vítima e refletir se gostaríamos que nos roubassem o que nos é mais sagrado e mais caro, procurando compreender o que é justo.

Parece demais tratarmos destes assuntos com os espíritas, porém não o é. Quando entramos no Espiritismo, não somos perfeitos. Muito pelo contrário, temos às vezes grandes defeitos a combater. E muito mais quando o espírito das trevas, que nos dominava no tempo em que nos entregávamos apenas às coisas do mundo, não quer separar-se de nós, aferrando-se ao que lhe parecia do seu domínio.

Acontece, às vezes – e é um fenômeno comum aos que entram no Espiritismo –, que ao conhecê-lo as pessoas sentem vivos desejos de transformar-se, tomando decisões novas e afastando-se dos desejos ilícitos. A resolução de seguir uma vida nova logo se concretiza. Durante algum tempo, essas criaturas se limpam de todo. Logo mais, porém, as primeiras impressões se extinguem, pouco a pouco, e as pessoas começam a voltar a ser o que eram. Então, o espírito que as dominava retorna à antiga morada, e elas caem de novo. Se o espírita, nesse caso não se escudar na oração, no amor, na caridade, com um forte desejo de libertar-se, as coisas se tornam piores do que antes.⁹

Por isso, temos visto a falência de muitos que começaram e não puderam continuar. Se estavam mal antes da tentativa, pior ficaram depois. É particularmente às pessoas muito aferradas ao dinheiro, aos interesses materiais, que isso acontece. Essa paixão é muito difícil de ser arrancada, a que mais custa corrigir. Dessa maneira, é muito raro, para não dizer impossível, que um egoísta, apegado ao dinheiro, consiga entrar e manter-se no Espiritismo.

Aplica-se aqui a transcendente frase de Allan Kardec: “Fora da caridade não há salvação.” O espírito aferrado aos interesses materiais, enquanto durar esse estado, quase podemos dizer que é incapaz de compreender e aceitar o Espiritismo: eis a barreira que retém a humanidade.

O apego ao dinheiro é sinal evidente de falta de caridade e amor ao próximo. Quem tem esse apego não se encontra em vias de realizar grandes progressos. O homem deve procurar atender as suas necessidades, de maneira justa e honrosa. Quando elas já estão satisfeitas, não deve exceder-se em ambições e desejos insaciáveis. Se é espírita, tudo quanto puder adquirir, além do que necessita, deve fazê-lo apenas por meios estritamente lícitos, e do que ajuntar deve distribuir grande parte aos necessitados.

Somente assim lhe será permitido possuir mais do que necessita, sem cair em responsabilidade. Do contrário, se não der aos pobres a participação nos seus ganhos, por mais que estes pareçam lícitos perante o mundo, são uma usurpação perante Deus. O que assim procede, sendo espírita, além de não progredir, retrocede: Fora da caridade não há salvação. E que não abuse dos juros, para os que precisam de dinheiro.

O espírita deve lembrar-se de que a sua felicidade não está na Terra, mas no Espaço. Assim, pois, deve fazer todo o possível para enriquecer o seu espírito com virtudes e boas obras. Para tanto, não deve esquecer que um dos seus maiores inimigos é o amor ao dinheiro, ou seja, o egoísmo, que é o pior e o mais fatal inimigo do homem. Já tratamos de maneira a combater essa paixão e a tentação que a acompanha: é tornar os necessitados participantes da nossa poupança. Isso fará que as nossas iniciativas e os nossos trabalhos redundem em benefício dos que sofrem. O que preceder desta maneira terá a satisfação de possuir algo para o seu bem-estar terreno e para o seu progresso espiritual, pois os seus esforços resultam na prática do bem.

Assim, ao realizar um bom negócio ou fazer um trabalho bem pago, deverá imediatamente destinar uma quantia proporcional ao ganho para remediar os males e as necessidades dos que sofrem. E isto sem dar atenção a pensamentos egoístas, às conveniências pessoais, realizando logo a boa determinação, pois do contrário o espírito das trevas ocorre, desbarata os bons desejos e inutiliza tudo.

Quanto à tentação possessiva, que é aquela em que o espírito das trevas penetra na própria consciência da criatura, há uma maneira de conhecê-la e combatê-la: basta opor-lhe um estado de consciência baseado no desejo da mais reta justiça. Por exemplo: sentimos repugnância por uma ou várias pessoas? Oponemos a isso um espírito de caridade a toda prova. Sentimos um amor excessivo por alguém? Devemos equilibrá-lo pelo senso da reta justiça. Por exemplo: é justo que se dê essa preferência a alguém? Se não é justo, podemos estar seguros de que o sentimento excessivo é sustentado por algum inimigo do espaço, mormente se ele pode acarretar uma paixão ou perturbar a harmonia no seio da família, ou no círculo das nossas relações.

Já assinalamos que a tentação se manifesta por muitas maneiras. Mas, se nos escudarmos num verdadeiro senso de justiça, perceberemos logo a sua presença e poderemos combatê-la. No caso de não podermos afastá-la apenas pela nossa vontade, temos de recorrer à oração, evocando com ardor e fé o nosso guia espiritual e as influências de espíritos elevados, que atenderão com prazer ao nosso apelo, pois desejam sempre o nosso progresso e a nossa elevação. Por mais aflitiva, portanto, que seja a nossa situação, nunca devemos duvidar do auxílio do Alto, tanto mais quando o solicitarmos.

A estes casos é que se aplicam as palavras do Senhor: “Pedi, e vos será dado”; “Batei e se vos abrirá”; “Vigiai e orai”. Ao mesmo tempo, enquanto se sofre, é preciso alimentar uma paciência a toda prova, com serena resignação, que é a maneira mais eficaz de desanimar o espírito tentador. Assim, se aos nossos estados de alma e às tentações soubermos opor sempre um senso de reta justiça e uma paciência e resignação a toda prova, oferecemos uma barreira ao espírito das trevas, que nunca poderá induzir-nos ao erro, nem causar-nos qualquer espécie de transtorno ou retrocesso. Pelo contrário, todos os males que o espírito das trevas quiser causar-nos darão um resultado contrário ao que ele deseja.

Sim, quando sofremos a tentação, com o senso da reta justiça, com paciência e resignação, ao mesmo tempo progredimos e damos provas ao Pai de que sabemos sofrer no cumprimento da lei, e esperar resignados. É esta a suprema maneira de agir, para os espíritos que vivem, já viveram e viverão na Terra. Com essa maneira, não evitaremos todos os males e sofrimentos que os espíritos atrasados podem causar-nos, mas triunfaremos de todas as suas acometidas, e os aborrecimentos que lhes causarmos servirão para fazê-los progredir. Se fizermos assim, poderemos repetir as palavras de um grande escritor antigo: Quando resistimos à tentação, ela é a formiga do leão; mas quando nos entregamos, ela é o leão da formiga; sejamos sempre o leão, e a tentação a formiga, que nada teremos a temer. Dessa maneira, seremos donos de nós mesmos, pensando, sentindo e querendo unicamente o que o dever nos impõe. E assim nos pouparemos muitas angústias na vida e nos prepararemos para entrar mais tarde no Reino de Deus.

Não obstante, nunca devemos esquecer, enquanto estivermos na Terra, que seremos contrariados em tudo. A humanidade ainda está muito atrasada, e poucas pessoas sabem cumprir todos os seus deveres. Como temos de viver em relação com muitas, tanto na família como no círculo das amizades, nunca nos faltarão contrariedades. Por isso, enquanto estivermos na Terra devemos viver alertas, escudando-nos no amor, na admiração e na adoração ao Pai, sem limites, e pondo toda a nossa esperança na grandeza da sua obra. É ela a casa onde teremos de viver eternamente. É necessário, pois, seguir a lei divina, ensinada por nosso Senhor e Mestre. É necessário pô-la em prática, tendo grande fé e amor pela palavra do Senhor.

E se algum dia as angústias da vida nos perseguirem, não olvidemos as suas palavras: “Bem-aventurados os que sofrem, pois deles será o Reino dos Céus”. Façamos que a confiança na sua promessa nos dê valor e força para tudo suportar, lembrando que a existência terrena não é mais do que um sopro, um período curtíssimo de nossa existência universal, e que, pelos dias e noites que sofreremos na Terra, se soubermos conformar-nos e seguir o exemplo dos mártires e dos justos, teremos mil anos de repouso e felicidade.

Animai-vos, meus irmãos! Vós que sofreis, deixai que o corpo se faça em pedaços ou sucumba aos golpes da dor, mantendo o espírito fortalecido na prática da submissão e do valor moral. Permanecei fiéis a Deus, o Senhor Supremo, no cumprimento da sua lei. Não olvideis que a recompensa superará todos os vossos desejos e todas as vossas esperanças.

Aconselhamos, por fim, ao irmão que estiver angustiado pela tentação, que procure um irmão digno de confiança, abrindo-lhe o seu coração e pedindo a sua ajuda. Consideremos, porém, que as pessoas consultadas nessas ocasiões, que bem podem ser os presidentes de reuniões ou de Centros, devem ser prudentes, misericordiosas, caritativas, meigas no falar e no agir, capazes de toda a abnegação, amando a Deus e submissas ao Senhor e às suas leis. Devem considerar, ao ser consultadas por essas almas enfermas, que exercem a função de guias espirituais, e que podem fazer muito bem ao consulente, se souberem responder com segurança, mansidão e caridade.

É necessário haver entre os espíritas pessoas experientes na prática da virtude, da caridade, do amor ao próximo, da adoração ao Pai e da veneração ao Senhor, porque só assim esses irmãos terão luz suficiente para atender aos casos de necessidade, ajudar aos demais e dar-lhes a mão no intrincado labirinto da vida. Bem-aventurado o que se esforça para chegar a esse estado! Pois não conhecerá as trevas e merecerá a confiança dos que vivem no Alto e dos que vivem na Terra. É assim que, depois desta morada terrena, chegaremos a entrar no Reino de Deus.

X

O tesouro dos espíritas

Sim, um tesouro! E tão difícil de avaliar no seu justo valor, que a imaginação mais ampla e a inteligência mais lúcida só poderão apreciá-lo na superfície. Os reis da Terra dão aos seus filhos o nome de príncipes, e os príncipes dão aos seus filhos os títulos de duques, condes, e outros. E o fazem por causa das grandes riquezas e títulos nobiliárquicos que possuem. Mas todos os reis e príncipes, duques e condes juntos, não possuem as riquezas e os títulos de nosso pai, que é Deus.

Se juntarmos as riquezas de toda a aristocracia do mundo, nada serão em comparação com as de nosso Pai. E todas elas foram criadas para nós, seus filhos, que as recebemos em propriedade e as desfrutaremos eternamente. Os reis vestem os seus príncipes com ouro e pedrarias, mas nosso Pai nos vestirá de luz imortal. Os reis dão aos seus príncipes carruagens faustosas, para viajarem através dos seus reinos. E o Pai nos dará asas e meios etéreos, para viajarmos com a rapidez do pensamento, sem encontrar obstáculos. Os reis querem dar aos seus príncipes todas as formas de felicidade, mas não podem evitar as enfermidades e os incômodos, que, irremissíveis, acompanham a matéria. Nosso Pai nos dará uma condição em que não haverá enfermidades nem incômodos. Os reis não podem evitar o cansaço, o sono, o frio, nem o calor, para os seus filhos. Nosso Pai nos dará uma vida em que não teremos de dormir, nem nos cansaremos, nem sentiremos jamais frio ou calor.

Ah, meus irmãos, como é grande o que nos aguarda! Isso, porém, pelo cumprimento das leis divinas, e não por capricho. Por ato de justiça e por necessidade, pois sem a lei não haveria ordem, sem ordem não haveria harmonia, e sem ordem e harmonia não haveria felicidade. Assim, pois, para que todos sejamos felizes, temos de ajustar-nos à lei, à harmonia, à ordem. Dessa maneira, para onde formos, levaremos ordem e harmonia, e os que viverem conosco levarão harmonia e ordem, e todos juntos cumpriremos a lei, e todos seremos felizes.

No entanto, para fazer tudo isso, temos de compreender a lei, que implica o respeito ao que é grande, sublime e justo; implica virtude, caridade, amor, justiça, abnegação. E como essa lei divina e universal está demonstrada e explicada pelo Espiritismo, por isso dizemos: Nós, os espíritas, temos um tesouro em nossas mãos. É preciso acentuar isto, porque nem todos estão em condições de compreender o Espiritismo, e menos ainda de praticá-lo. Não podemos compreender a verdade, enquanto não nos despojarmos de muitos erros, enquanto o nosso amor e a nossa bondade não tenham atingido um certo grau.

Nós, os espíritas, que ainda não podemos chamar-nos de bons, estamos no nível comum das criaturas. Assim, já podemos calcular o número de existências que tivemos de passar, para chegar a esse nível? Não, mil vezes não! Primeiro, dominou-nos o instinto; depois, as paixões; logo, os vícios; e através de grandes lutas chegamos a merecer que nos contassem no grande apostolado desta época, que se chama Espiritismo. Temos, porém, de considerar que do instinto, das paixões e dos vícios nos sobram resíduos, e aqui está o nosso tesouro, e não podemos possuí-lo se não soubermos arrancar pela raiz esses resíduos, para nos tornarmos dignos dele.

Assim, pois, nós, os espíritas, chegamos a entrar no caminho que conduz à realização de todos os progressos, que leva o espírito a herdar toda a felicidade. Esse caminho é o Espiritismo, que nos alforria de todas as dúvidas, liberta de todos os erros, ilumina-nos a inteligência, fortalece-nos o espírito na luta contra todas as preocupações. De maneira que, se o espírita não for indolente, pode realizar tudo quanto deseja para o seu bem. E por isso vos digo que nós, os espíritas, temos um tesouro nas mãos.

A extinção completa dos resíduos que nos ficaram dos instintos, das paixões e dos vícios é um trabalho de gigante. E por isso entendo que todo espírita deve estudar-se a si mesmo, para chegar a conhecer-se, coisa que é às vezes um pouco difícil, mormente se o instinto do orgulho e da vaidade predomina em nós. Mas, pedindo e estudando, chegaremos ao conhecimento de nós mesmos.

O espírita deve observar se facilmente se ofende por qualquer contrariedade ou palavra que o mortifique. Se isso acontece, é que o amor-próprio desmedido, sinônimo de vaidade, está enraizado em seu espírito. Deve então dirigir toda a sua atenção em por às claras essa tendência ou instinto que vem do passado. A seguir, deve submeter-se às humilhações, evitando que estas o magoem, prosseguindo na prática, até aprender a sofrer desprezos e desenganos sem perder a serenidade. Porque muitos dos desprezos, desenganos, juízos injustos, que nos atingem, ferem mais ao nosso amor-próprio do que nos causam danos. Quando é assim, não devemos duvidar de que, se o nosso amor-próprio fosse menor, suportaríamos tudo aquilo sem grande ressentimento. Não diremos que não existam desenganos que não firam aos mais humildes, mas que devemos suportá-los com resignação, pagando sempre o mal com o bem. A segurança que o Espiritismo nos dá, de que essa espécie de sofrimento acarreta grande progresso para o nosso espírito, quando o sabemos suportar, nos dará a força necessária.

Se o espírita sente que possui alguma paixão ou vício que o pode levar à queda, terá de ser valente e, mesmo que lhe custe a vida, terá de cortá-lo pela raiz. Porque mais vale sofrer muito, para aniquilar um vício e adquirir uma virtude, do que nada sofrer dando rédeas à paixão. Aqui está o trabalho de gigante do espírita, porque, quando quer enfrentar o passado, o espírito do mal, que vai perder todo domínio sobre ele, resiste e tudo faz para não deixar escapar a presa. Para isso, valem-se de todos os meios, até mesmo dos sonhos, para lhe preparar a nova emboscada. Mas o espírita que quer libertar-se deve resistir, dizendo no seu íntimo:

“Tudo por Deus e pela prática da sua lei! Vale mais sofrer do que sucumbir. Antes a morte do meu corpo, do que a perturbação e o atraso do meu espírito.”

Com essas determinações, o espírito tentador é rechaçado, perde a sua influência, e o espírita recobra a sua liberdade e triunfa.

No tocante aos pequenos defeitos e dificuldades da vida, que todos temos e havemos de enfrentar, vale muito a prática constante da virtude, da abnegação e da caridade. O espírita não deve ser impertinente, nem ter mau gênio, nem ser precipitado, nem murmurar, mas há de ser paciente, saber perdoar as faltas alheias, amável quanto possível, serviçal, e deve procurar o bem de seus subordinados, seja na família ou na sua posição social. Deve, pois, criar uma auréola de boa influência e de confiança; consolar os que sofrem, até onde suas forças o permitam. Assim conseguirá revelar esse grande tesouro que temos em nossas mãos, dando-lhe realidade.

Para conseguir essa vida ascendente de perfeição, não podemos esquecer que necessitamos da proteção dos grandes Espíritos, e que não devemos duvidar deles, sempre que nos coloquemos em condições de receber as suas influências. Porque, à medida que avançamos nesse caminho, chamamos de maneira poderosa a atenção dos bons Espíritos, que nos amam e se interessam por nós, pelo nosso progresso e nossa felicidade. Portanto, podemos contar com a sua influência, com o seu amor. E se os nossos propósitos forem realmente grandes e os pusermos em prática, então eles se apossarão de nós de tal maneira, que nos farão objeto dos seus desejos e da sua vontade, beneficiando a Humanidade por nosso intermédio.

Não duvideis, irmãos, de que a nós, espíritas, só nos faltam a vontade e os bons desejos, para realizarmos maravilhas e prodígios. Encontrareis no Espiritismo criaturas que, antes de serem espíritas, ninguém as conhecia, e hoje têm um nome universal. E mesmo que a Humanidade atual não faça caso de seus escritos e seus livros, chegará o dia em que a Humanidade, já menos incrédula e mais adiantada, buscará esses trabalhos e os aplicará na prática. É que essas criaturas constituem a vanguarda do progresso, porque, em virtude de seus trabalhos e anseios elevados, estão inspiradas pelo Espírito da Verdade, que as induz à moral e à ciência do futuro.

Irmãos, muito podereis fazer, se tiverdes vontade. Não deveis olvidar que os que foram contados para este apostolado do Espiritismo são distinguidos pelo Alto. Os jovens, que na idade da inquietude, das quedas, das distrações, se dedicam à propaganda e à prática do Espiritismo, se perseverarem, chegarão muito rápidos. Vós sois uma esperança para os velhos espíritas, e elementos de grande valor para os Espíritos que trabalham em favor da Humanidade. Sereis os mestres espíritas do futuro. Sede constantes na tarefa iniciada, sede fortes, praticai os ensinamentos espíritas, sede bons discípulos, obedientes e respeitosos, que mais tarde sereis bons mestres.

É verdade que no Espiritismo, humanamente falando, não há categorias. Mas, espiritualmente, sim: elas são muito conhecidas no mundo dos Espíritos, e infeliz daqueles que não souberem respeitá-las, pois pouco se adiantarão na existência terrena, e por mais que tentem levantar-se, nunca o lograrão. Farão como os negociantes de gêneros, que, sem conhecerem as classificações, não podem fazer negócios, pois tomam as últimas pelas primeiras. Assim, pois, se quereis ser bons mestres no futuro, sede agora bons discípulos, até que a Providência vos chame a desempenhar mais alta missão.

As pessoas entendidas e virtuosas fazem muita falta em nosso meio, para espargirem uma luz tão radiante como a do Espiritismo. Essas pessoas são muito procuradas e assistidas pelos bons Espíritos. Assim, pois, quando chegar a vossa hora de ascender, sereis chamados de maneira poderosa. Vós, porém, podeis perguntar-nos: E como conhecer essa hora? Quando a Providência quer que alguma coisa se realize, nada nem ninguém o pode evitar. Quando um de vós for chamado, tudo se fará de tal maneira, que vós mesmos não podereis evitá-lo, a menos que quisésseis fugir a todos os deveres, precipitando-vos num abismo.

De minha parte, quero dizer-vos que embora pouco tenha sido no Espiritismo, quando a Providência quis chamar-me para o insignificante posto que ocupo há trinta e dois anos; primeiro me tirou a saúde e a alegria.

E quando eu já me considerava verdadeiramente perdido e desgraçado, então me apresentaram o Espiritismo, e não pude esquivar-me de vê-lo e praticá-lo. Porque era, então, a minha única salvação.

E quando me instruí o suficiente para dirigir e orientar naqueles tempos a propaganda do Espiritismo em Tarrasa, repentinamente faleceu Joaquim Rovira Fradera, antigo e ilustrado espírita. Então, não pude evitar que a presidência do Centro Fraternidade Humana viesse parar nas minhas mãos, e nunca a exerci por direito, mas apenas de fato.

Digo isto porque, sempre que foi necessário apresentar-me como tal, pedi a algum de meus irmãos, por certo muito digno, que se apresentasse em meu lugar. Quanto à propaganda, sempre ocupei o meu posto.

Assim, quando virdes sinais e acontecimentos extraordinários, que não possais evitar, ainda que eles vos contrariem e prejudiquem, e tiverdes diante de vós o chamado do Espiritismo para o seu serviço, aceitai-o com gosto. Não olheis para trás, nem para o que vos prejudica, porque às vezes, ao começar o desempenho de tão útil missão, faz-se presente a cruz, pois há de carregá-la quem tenha a missão de ensinar e conduzir os seus irmãos. Porque já sabemos qual é a condição humana: sacrificar os que nos beneficiam, e embora os espíritas se tenham adiantado um pouco sobre o comum das criaturas, sabemos que ainda guardamos resquícios do passado e temos de lutar.

Quando, jovens de hoje, fordes chamados a desempenhar cargos de pequenos mentores, lembrai-vos que chegou a hora da abnegação, do sacrifício e da humildade, e que deveis possuir essas virtudes no máximo grau. Nada de vos ofenderdes pelo que vos fizerem de mal. Vossa paciência há de ser a toda prova, e a única prática possível é a de pagar o mal com o bem. Que importam todos os sacrifícios feitos, ainda que vos paguem mal e vos caluniem, dizendo de vós todo o mal?

Há um grande Mestre que é o guia de todos os que ensinam e praticam as suas leis. A esse exemplo deveis dirigir toda a vossa vontade. E, se o seguirdes, Ele se encarregará de defender-vos, e aquelas angústias que os que ainda não aprenderam a gratidão vos fariam sofrer vos levarão à felicidade futura. Não vos aflijais nunca pelas angústias que vos possam causar: bendizei-as.

Eu bendigo a língua que me quis ferir, durante o exercício do meu cargo. Eu bendigo todas as provas que, no transcurso de tantos anos, me fizeram passar. Benditas sejam, mil vezes, pois se algumas sofri sem motivo, não perderei a recompensa. Esses sofrimentos são grandemente recompensados no Reino de Deus. Todo o tempo que se passa na Terra, e que não serviu para o adiantamento do nosso espírito, é tempo perdido.

Animai-vos, pois, Juventude Espírita! Aprendei bastante no caminho da virtude e dos conhecimentos e práticas espíritas, pois necessitamos de muitos mestres para o futuro. Aprendei dos vossos mestres de agora, e assim, esse tesouro que tendes nas mãos, e que se chama Espiritismo, vos revestirá de esplendores eternos no Reino de Deus.

Por fim, eu, o mais insignificante, o menos apto, e o menos autorizado, me atrevo a dar-vos um conselho:

Tudo quanto tendes, sois e possuíis deveis a Deus, o Pai infalível e universal, autor de toda a Criação. Portai-vos, pois, como bons filhos. Lembrai-vos que quando éreis pequenos Ele vos deu o encanto da selva virgem; quando já um pouco mais iniciados nos conhecimentos humanos, vos pôs em sociedade, para que desenvolvêsseis as afeições de vossa alma, nela encontrando amigos, esposa e filhos; e hoje, que já estais aptos a conhecer um princípio de verdade, vos chamou para este apostolado do Espiritismo. Amai-o, pois, amai-o mais do que a vós mesmos, mais do que a vossas esposas e a vossos filhos; adorai-o na Criação, já que tantas grandezas criou, para que sejam, quando as alcançardes, a vossa paz e a vossa eterna felicidade.

O Pai está em toda parte, sabe o que pensais, vos vê e vos ama. Sede constantes admiradores d'Ele e adorai-o muitas vezes ao dia, que Ele vos ouve e sabe o que pedis e o que desejais. Assim como tanto vos deu quando não lhe pedíeis, e não tínheis fé nem esperança n'Ele, hoje, que o amais e lhe pedis, vos dará tudo quanto vos for justo e conveniente.

Lembra-vos que o maior dos irmãos, que é o Mestre Sublime, o Senhor dos senhores, antes que vós o conhecêsseis, antes que lhe dêsseis atenção, quando estávamos todos perdidos em veleidades e caprichos, deixou a Morada da Luz, afastou-se da felicidade e desceu para sofrer a brutalidade humana. Enquanto estávamos entregues à libertinagem, Ele sofreu cruéis martírios, sem pronunciar uma queixa, sem dizer uma palavra, dando-nos exemplo de caridade, de indulgência, de perdão, de amor e de sacrifício. Nada disso chamou a nossa atenção naquela época. Hoje, porém, é o exemplo em que mantemos fixos os nossos olhos e a nossa atenção, porque é o único caminho que nos conduzirá à conquista da nossa felicidade.

Quando fordes pequenos mestres, tomai por Mestre o Senhor. Segui-o e amai-o muito, porque sem abnegação e sacrifício não podereis entrar no Reino de Deus. E, quando chegarem as horas de grandes provas, se o tomardes por Mestre, não ficareis órfãos da sua proteção.

Ele veio bem antes, para preparar os que deviam passar pelo sacrifício. Veio antes, para que, ao chegar a hora do Calvário para cada um de nós, pudéssemos vê-lo à frente com a sua cruz, a sua coroa de espinhos, suas carnes flageladas. E depois ficou, para guiar-nos no caminho. Não o duvideis, jovens espíritas, o Senhor paira acima do apostolado espírita e se serve de todos os que amam e praticam a lei com justiça.

Ah, Senhor, quando os homens vos conhecerão? Quando se lembrarão que Aquele que deu a própria vida para ensinar-lhes o caminho não pode abandoná-los? Quando compreenderão que a vossa humildade e o vosso amor são superiores à vossa grandeza? Quando compreenderão que, à medida que avançam, os espíritos mais se aproximam de Vós, e que cada espírito que alcança a felicidade eterna é um prêmio para Vós, que nos ensinastes o caminho?

Graças vos dou, Senhor meu, porque me destes a compreender quanto nos amais! Graças, Mestre, que, compadecido de minha pequenez, me destes alento! Minha vida vos pertence, pois nunca poderei pagar-vos toda a solicitude, tanto amor e o bem que me fizestes. Vossa humildade não tem limites, e aquele que vos ama e se esforça por praticar a vossa lei, não o deixais desalentado.

Tanto entrais na cabana do camponês como no palácio do potentado. Não fazeis acepção de pessoas, mas apenas de virtudes.

Ali, Senhor, onde o amor, a virtude e a caridade têm a sua morada, ali é a vossa morada, ali atendeis, dando coragem, esperança e paz de espírito.

Confiemos nEle, juventude espírita, e não desmaiemos no caminho! Adoremos ao Pai por sua grandeza, e amemos ao Senhor por seu grande amor.

XI

Conclusão

Não sei se fui intérprete fiel da vontade dos Bons Espíritos. Se o fui, este pequeno trabalho, que sem dúvida é obra dos Espíritos, pode ser aproveitado. Não levando em conta a minha insuficiência, que é notória, eles me inspiraram, para dar alguns conselhos aos meus irmãos espíritas.

Se eu não pude ser fiel, se procedi como um mau intérprete dos irmãos que vivem na vida livre do espaço, este será um trabalho inútil. Não obstante, suplico: se neste trabalho houver algo de bom, que seja aproveitado, por ser obra dos seres de além-túmulo, aos quais devemos ser agradecidos. Eles não têm culpa se eu fui um mau intérprete e, além do mais, ignorante.

Agora, só me resta dar graças a Deus por tudo, pela sua Grandeza e pelo seu Amor:

Oh, meu Pai, meu Amor, meu Senhor! Eu vos amo e peço a vossa proteção, para poder cumprir a vossa lei. Iluminai a minha razão, fortificai o meu ânimo, dai-me um amor tão intenso por Vós, que eu não possa esquecer-vos nem de dia nem de noite. Que tanto na obscuridade, como na calma, nas horas de paz, eu possa levar comigo o vosso amor, no mais íntimo da minha alma, para que a vossa influência, sendo em mim tão intensa, não permita que as influências do mundo ou extra-mundanas possam perturbar o meu espírito.

E Vós, Senhor meu, Mestre meu, Amor meu, dai-me tanto respeito e veneração por Vós, como os quero sentir, para que em todos os atos da minha vida reine em mim a vossa lei, o vosso amor e a vossa influência. Que a lembrança da vossa grandeza e da vossa abnegação nunca se afaste de mim.

E ao meu Guia Espiritual, o meu agradecimento mais fervoroso, pelas muitas vezes em que me inspirou, pela indulgência que teve comigo, já que nem sempre segui os seus conselhos e as suas indicações. Há muitos anos que me arrependi disso e fiz a solene promessa de não me afastar, o mínimo que seja, dos seus mandamentos e da sua vontade. Preferiria deixar de ser; e que se acabasse a minha existência.

XII

Vidência

Estando o médium em oração, apareceu-lhe Teresa de Ávila, muito formosa, que lhe disse:

“Segundo as virtudes que praticardes na vida terrena, vivereis num estado mais feliz ou mais desgraçado no Espaço.

Aquele que, na Terra, foi virtuoso, caridoso, compadecido, resignado e amoroso, quando deixa este mundo é semelhante ao viajante que empreende a sua viagem num dia primaveril. À medida que avança no seu caminho, o sol vai subindo majestoso no espaço e a sua viagem transborda de luz e formosura. Porque o espírito que se conduz bem, ao deixar a Terra, vai abrindo as suas faculdades à luz. E quando desperta, encontra-se em plena luz, compreende onde se acha e sabe que é feliz.

Mas o espírito que, na Terra, foi egoísta e avaro, que tudo desejou do mundo, que não foi misericordioso, nem caridoso, nem virtuoso, esse espírito entra no mundo espiritual quando o sol se encontra no ocaso. À medida que vai despertando, as trevas aumentam, e, quando está completamente acordado, tudo ao seu redor é tenebroso e terrível. Quer saber onde está, mas não é possível averiguá-lo. Vai de um lado para outro, e nada mais encontra, senão trevas, solidão e medo. Tudo, no espaço, lhe parece lúgubre, e então começa a desesperação.

Habitantes da Terra: apressai-vos a atrair a luz para vós, através das boas obras! Modificai vossas vidas, vós, que praticais o mal! Porque, do contrário, vossa derradeira hora será terrível e vosso despertar horroroso.”

— 0 —

2ª PARTE

Marcha para o Futuro

por J. Herculano Pires
(inspirado por Miguel Vives)

I

O espírita perante a doutrina

Obrigação principal do espírita é zelar pelo seu tesouro: a Doutrina Espírita. Mas, para isso, ele deve estudá-la, conhecê-la bem, pois, do contrário, como haverá de zelar por ela? O Espiritismo não é apenas uma eclosão mediúnic, não é somente manifestações de espíritos. É a Doutrina do Consolador, do Espírito da Verdade, do Paráclito, prometida e enviada pelo Cristo para nos orientar.

Assim sendo, não basta ao espírita freqüentar sessões, fazer preces, implorar o auxílio dos Bons Espíritos.

Se Jesus nos trouxe a mensagem redentora do Evangelho, e prometeu que nos enviaria o Consolador – e na época precisa realmente o enviou –, é que temos de conhecer o Evangelho e conhecer o Espiritismo. Os judeus estudavam minuciosamente a Lei Antiga, que está na Velho Testamento. Os cristãos estudam a Lei Nova, que está no Novo Testamento. Os espíritas, que são os cristãos renascidos da água e do espírito, devem estudar as obras de Kardec, que são a Codificação do Espiritismo, a Nova Revelação.

Muitos espíritas acham que não dispõem de tempo para estudar os livros doutrinários. Entendem que basta ouvir os Guias, nas sessões mediúnicas. Muitas vezes, porém, esses próprios Guias não tem conhecimento doutrinário, são espíritos tão ignorantes quanto os seus mesmos protegidos. E o Evangelho nos ensina que, se um cego guia outro cego, vão ambos cair no barranco. Vivemos num mundo em fase de transição evolutiva. Num mundo, portanto, em que enxameiam os espíritos agitados por idéias novas, desejosos de nos transmitir as suas “revelações” pessoais. O que será de nós, se não nos esclarecermos e precavermos?

Há espíritas que se deixam levar pelos falsos profetas, encarnados e desencarnados, que enchem o nosso mundo de novidades absurdas, perturbando o movimento doutrinário e impedindo a boa divulgação da luz. Acreditam esses espíritas que Allan Kardec está superado, e portanto que a obra de Kardec não tem mais nada a nos ensinar.

Ah, como se enganam esses pobres irmãos, levados por ilusões momentâneas! Então Jesus, nosso Mestre e Senhor, não sabia o que nos prometia, quando anunciava a vinda do Consolador, para ficar eternamente conosco? Jesus nos enviou toda uma admirável Falange de Espíritos de Luz – a Falange do Espírito da Verdade –, para fazer revelações tão insignificantes, que não resistiram a mais de um século? Pois faz pouco mais de um século que o Espiritismo apareceu no mundo, para consolar e orientar os homens, com vistas ao Mundo Regenerador a que nos dirigimos, no processo de evolução da Terra. E nesse breve espaço de cento e poucos anos, toda a Revelação Espírita envelheceu? Se a verdade é eterna, e, tanto, no Velho quanto no Novo Testamento, continua a brilhar da mesma maneira que há milhares de anos, então não temos a verdade no Espiritismo?

Pensem nisso os irmãos que se deixam levar pelas novidades do momento. E tenham cuidado, pois a responsabilidade espiritual é a nossa maior responsabilidade da existência terrena. Ai daqueles que, por vaidade, pretensão, desejo de sobressair-se, contribuirão para a confusão e a desorientação dos seus irmãos espíritas!

Há espíritas que dizem: as obras de Kardec não trazem novidades; há outros livros que nos falam de coisas mais interessantes, contando-nos fatos desconhecidos, dando-nos ensinamentos novos. Ah, pobres irmãos que não fazem conta da promessa do Senhor, que menosprezam a sua dádiva! Então o Senhor e Mestre nos promete o Consolador e no-lo envia, para agora o deixarmos de lado e correremos como loucos atrás dos falsos profetas, dos falsos Cristos, dos falsos Kardecs, que enxameiam na vaidade humana? Somos, por acaso, mais elevados de discernimento do que o próprio Mestre?

Não, irmãos, não temos o direito de pensar assim. O Espiritismo é a Verdade Maior que podemos conhecer, nesta fase evolutiva da Terra. O seu aparecimento foi preparado pelo Alto. Antes de Kardec encarnar-se, para cumprir a sua missão, já numerosos fatos espíritas ocorreram no mundo, predispondo-nos à compreensão do trabalho do Codificador. Ele mesmo, o Codificador, viveu cinquenta anos preparando-se, adquirindo cultura e experiência, conquistando toda a ciência do seu tempo, amadurecendo no seio da Humanidade, para bem integrar-se nela, e somente aos cinquenta anos de idade receber do Alto a incumbência de investigar os fenômenos e organizar a Doutrina. Emmanuel nos diz, em “A Caminho da Luz”, que Kardec era um dos mais lúcidos discípulos de Jesus, enviado à Terra para cumprir a promessa do Consolador. E queremos, por acaso, ser mais do que ele e do que o Espírito da Verdade, que o assistia e guiava?

Alguns irmãos alegam: “O Espiritismo é muito simples, é o ABC da Espiritualidade; temos maiores instruções na Teosofia ou com os Rosa-Cruzes.” Deviam antes pensar que necessitamos justamente do ABC, pois somos ainda analfabetos espirituais. O Espiritismo não tem a pretensão de tudo saber e tudo ensinar. Porque as doutrinas que tudo ensinam, na verdade nada sabem. Vejam o que os Espíritos responderam a Kardec, no primeiro capítulo de *O Livro dos Espíritos*, a respeito do nosso conhecimento de Deus: “Deus existe, não o podeis duvidar, e isso é o essencial. Acreditai no que vos digo e não queirais ir além. Não vos percais num labirinto de onde não poderíeis sair. Isso não nos tornaria melhores, mas talvez um pouco mais orgulhosos, porque acreditaríeis saber, quando na realidade nada saberíeis.”

De que nos valeria pensar que sabemos isto ou aquilo, sem na verdade o saber? Somente a nossa vaidade lucraria com isso, e o lucro da vaidade é perda para o espírito. Acontece que ainda somos incapazes de conhecer as causas primárias e as finais. O que mais nos importa é evoluir, progredir espiritualmente. Para isso estamos na Terra, com todas as limitações: é aprender o ABC que o Espiritismo nos oferece, que os bons Espíritos nos aconselham e que o Espírito da Verdade nos trouxe, como a cartilha de estrelas de que estamos urgentemente necessitados. O espírita, como ensina Miguel Vives, tem um tesouro nas mãos. Dará prova de ignorância e de pretensão, se fechar os olhos a esse tesouro para buscar outros, aparentemente mais valiosos.

O que mais vale, irmãos: a humildade ou a vaidade? Se é a vaidade, podeis enfeitar-vos com todos os grandes conhecimentos ocultos, com todas as explicações misteriosas sobre Deus e o Infinito, com todas as fábulas e utopias a que se referia o apóstolo Paulo. Nesse caso, deixareis de lado a humildade. Essa pequenina violeta do Mundo Espiritual, abandonada por vós, recenderá então o seu perfume entre os humildes. E destes, segundo o ensinou Jesus, será o Reino de Deus.

Não pensem, porém, que o Espiritismo é doutrina estática, que não quer ir além. Pelo contrário, ele é doutrina dinâmica e avança sempre. Mas avança na medida do possível e do conveniente, com os pés na terra, para evitar a vertigem das alturas. Na proporção em que crescermos moralmente – prestemos bem atenção a esta palavra: *moralmente* –, o próprio Espiritismo, dentro das próprias obras de Kardec, desvelará novos mundos e novos ensinamentos aos nossos olhos. Mas, então, estaremos em condições de compreendê-los. Tudo se faz de maneira progressiva, nada aos saltos. Apegai-vos ao tesouro do Espiritismo, que a misericórdia de Deus vos colocou nas mãos, se quiserdes realmente aprender e não apenas iludir-vos.

Concluindo:

- O espírita deve estudar constantemente as obras de Kardec, que são o fundamento do Espiritismo, e não deixar-se levar por fascinações da vaidade ou da ambição de saber o que não pode;
- deve compreender os limites da sua atual condição evolutiva, e humildemente procurar o meio de progredir.

II

O espírita perante as religiões

O Espiritismo é a Religião em Espírito e Verdade, de que Jesus falou à mulher samaritana: “Dia virá em que os verdadeiros adoradores de Deus o adorarão em espírito e verdade.” Mas há espíritas que não compreendem isso e negam a religião espírita. É possível tirarmos do Espiritismo a fé em Deus e a lei da caridade?

Todo o problema, que tanta celeuma tem levantado entre alguns irmãos intelectuais, se resume na falta de compreensão do que seja religião. Os irmãos anti-religiosos gastam tinta e papel em quantidade por quererem provar um absurdo. Alegam que Kardec se recusou a chamar o Espiritismo de religião. Mas o próprio Kardec explicou por que o evitou – não se recusou, mas apenas evitou – chamar o Espiritismo de religião: não queria confundir uma doutrina de luz e liberdade com as organizações dogmáticas e fanáticas do mundo religioso.

Nesse caso, dirão alguns irmãos: o Espiritismo é contra as religiões. Mas isso não é verdade. O próprio Kardec declarou, como podemos ver em “O que é o Espiritismo”, que ele é o maior auxiliar das religiões. Acontece apenas que a religião espírita não se estrutura num sistema religioso. Hoje, depois dos grandes estudos filosóficos realizados sobre essa questão, dos fins do século passado até os nossos dias, todo homem de cultura compreende que religião não é igreja, mas sentimento. O grande filósofo Henri Bergson ensinou que há dois tipos de religião: a social, que é dogmática e estática, e a individual, que é livre e dinâmica. Assim também pensava Henrique Pestalozzi, para quem a religião verdadeira é a moralidade. Vemos aí um dos motivos por que Kardec dizia que o Espiritismo tem conseqüências morais, em vez de referir-se a conseqüências religiosas. Hoje em dia, o Codificador não teria dúvida em falar de religião, porque o conceito atual de religião é muito mais amplo.

O Espiritismo tem três aspectos, como sabemos: o científico, no qual ele se apresenta como ciência de observação e investigação, tratando dos fenômenos espíritas; o filosófico, no qual procura interpretar os resultados da investigação científica e dar-nos uma visão nova do mundo; e o religioso, no qual nos ensina como aplicar, na vida prática, os princípios da filosofia espírita. Queremos, acaso, ficar apenas nos princípios, sem aplicá-los? Este livro de Miguel Vives é um manual de moral espírita, e, como vemos nas suas páginas, está inteiramente impregnado de religião. Mas, é claro, de religião em espírito e verdade, sem nenhuma sujeição e ritualismos antiquados ou reinventados, a sacerdotes ou sacramentos. O Espiritismo é a Religião da Moralidade, a que se referia Pestalozzi.

Um dos princípios fundamentais da moral espírita, como sabemos, é a tolerância. A religião espírita, portanto, ao contrário das religiões dogmáticas e sacerdotais, que são sempre agressivas, é sumamente tolerante. Por isso mesmo, o espírita não deve atacar, criticar, menosprezar as outras religiões. Pouco importa que elas façam o contrário, a respeito do Espiritismo. O que nos cabe é respeitar todas as formas de crença que nossos irmãos da Humanidade queiram adotar. Não ensinou Jesus que são muitos os caminhos que levam ao Pai? Como pode o espírita, que compreende o espírito desse ensinamento, atacar esta ou aquela religião?

Mas, se não pode atacar, se não deve criticar (no mau sentido da palavra), também, não pode e não deve ficar com os pés em duas canoas, dizendo-se ao mesmo tempo espírita e adepto de outra religião. Pois se temos a religião em espírito e verdade, o que havemos de fazer com uma religião formalista e dogmática? Cabe aqui a pergunta do apóstolo Paulo aos Gálatas: Corríeis bem; quem vos impediu, para não obedecerdes a verdade? (V: 7). E também o ensino evangélico de Jesus: Seja o teu falar: sim, sim; não, não. Todas elas auxiliam o espírito a evoluir. Mas, quando já temos o conhecimento do espírito, havemos de voltar à carne?

As religiões são escolas nas quais os espíritos aprendem a verdade espiritual. Quem já passou pela escola primária e está na secundária pode frequentar ao mesmo tempo as duas? E quem já entrou no curso superior, há de voltar ao secundário? Se o Espiritismo nos ensina que o que vale é a intenção, como havemos de continuar na prática dos ritos? Se já aprendemos que Deus está no coração de cada um, como continuarmos a incensá-lo no altar? Se sabemos que os sacramentos são fórmulas exteriores, simples símbolos destinados a ensinar verdades mais profundas, e se já atingimos essas verdades, havemos de regredir à prática das fórmulas?

O espírita sabe que todas as religiões tem por finalidade conduzir as criaturas humanas à compreensão da espiritualidade. Não pode condená-las, mas também não pode sujeitar-se a elas. Deve aprová-las para aqueles irmãos que ainda carecem delas. Mas, de sua parte, tem a obrigação de mostrar e exemplificar a liberdade que já alcançou, e o dever de ser fiel à verdade que encontrou. Seria justo que um escritor voltasse a soletrar o bê-a-bá? Ou que um escritor zombasse das crianças que soletram? Não foi soletrando que ele aprendeu a escrever? Assim é a posição do espírita diante das religiões. Cabe-lhe compreendê-las, mas sempre firme na sua posição de espírita.

Quem não é fiel no mínimo, também não o será no máximo, como nos ensina a parábola. O espírita que, para atender ao respeito humano, às convenções sociais ou até mesmo aos seus interesses particulares, torce o sentido da tolerância espírita para participar de rituais em que não mais acredita, nem pode acreditar, é infiel para consigo mesmo e para com a verdade espiritual que descobriu no Espiritismo. É infiel no mínimo, pois o que recebeu nesta vida é apenas o princípio do que deverá receber mais tarde. Não se mostrando digno desse mínimo, como poderá esperar o máximo?

Recordemos ainda uma advertência de Paulo, que muito nos serve atualmente: Se alguém te vir, a ti que tens ciência, sentado à mesa no templo dos ídolos, não será a consciência do fraco induzida a comer das coisas sacrificadas aos ídolos? (I. Cor. VIII: 10).

O espírita não tem apenas liberdade, mas também responsabilidade. Será responsável pelos seus exemplos perante os fracos. Ele está em condições de participar dos ídolos (ou seja: dos sacramentos e rituais das igrejas), sem se afetar pessoalmente. Mas não pode esquecer que afetará os outros. Se, pelo seu exemplo, abrir as portas do movimento espírita à infiltração de elementos formalistas, será responsável pela deformação da prática doutrinária. Essa é uma grave responsabilidade, contra a qual devemos estar sempre de atalaia. Deus nos livre de respondermos pela desfiguração da própria verdade que nos salvou do erro!

Concluindo:

- O espírita deve respeitar todas as crenças sinceras, todas as religiões que levam a criatura ao Criador, não atacando nenhuma nem zombando das suas práticas;
- mas não tem o direito de, em nome da tolerância, tornar-se cúmplice de práticas religiosas ou de ensinamentos teológicos que podem levar seus irmãos de volta ao passado;
- todas as religiões são boas para aqueles que as aceitam e praticam com sinceridade, mas se o espírita não for sincero consigo mesmo, com a sua própria religião, quem pode acreditar nele?

III

O espírita e a cultura

O Espírita tem o dever de instruir-se, de integrar-se na cultura do seu tempo. O Espírito da Verdade trouxe-nos um mandamento novo, ao declarar: “Espíritas, amai-vos, eis o primeiro ensinamento; instruí-vos, eis o segundo.” Kardec, por sua vez, ensinou-nos que o Espiritismo se relaciona com todas as ciências, e que só lhe foi possível aparecer, depois que elas se desenvolvem no mundo.

A antiga lei, a do Velho Testamento, era a lei da justiça, dura e fria como a espada. Por isso, a Bíblia está cheia de matanças, ordenadas pelos próprios profetas. A lei renovadora do Cristo, que modificou o mundo e ainda hoje continua a transformar os nossos corações endurecidos, era a lei do amor. A nova lei, que nos veio com a Nova Revelação, com o Espiritismo, é a lei da instrução. Pois não é o Espiritismo o nosso grande instrutor, aquele que nos lembra os ensinamentos evangélicos, que no-los explica, que nos ensina de onde viemos, para onde vamos e porque estamos na Terra? Não é o Espiritismo que nos consola em nossas dores e em nossos desesperos, não por uma vaga promessa, mas pelo conhecimento do nosso destino?

O ensinamento do Espírito da Verdade, a que acima nos referimos, está no capítulo “O Cristo Consolador”, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*. O ensinamento de Kardec, sobre a relação do Espiritismo com as ciências, está no primeiro capítulo de *A Gênese*. Aconselhamos a leitura de ambos, juntamente com este capítulo, para melhor e mais ampla compreensão do problema. Porque há espíritas que ainda não compreenderam quase nada do Espiritismo, e apesar de nele se encontrarem há vinte, trinta ou mais anos, continuam a pensar que não precisam instruir-se. “Para mim, basta a fé”, dizia-nos um desses irmãos, que fechava os olhos diante da luz da Nova Revelação.

A fé, como todos sabemos, é uma necessidade. Um homem sem fé é uma criatura inútil. Nisso, também, Kardec tem muito para nos ensinar, mostrando-nos que existe a fé humana e a fé divina. Os próprios descrentes devem ter fé em alguma coisa, se quiserem ser úteis. Mas não podemos esquecer que a fé espírita não é cega, não é imposta pelos outros, não deve prevalecer apesar do absurdo em que por acaso se apoiasse. Não, nada disso. A fé espírita, como a definiu Kardec, é a fé raciocinada, ou seja, a fé iluminada pela razão. E de que luzes disporá a razão, para com ela iluminar a fé, se não tivermos instrução? A luz natural, apenas, é insuficiente para enfrentar os numerosos e complexos problemas que a descrença ilustrada do nosso tempo levanta, sem cessar, contra o Espiritismo e contra todas as formas de fé.

Claro que o espírita não precisa tornar-se um sábio. Bom seria que todos o pudessem, mas isso é impossível e seria contrário à própria lei de evolução. Cada um de nós tem o seu rumo evolutivo a seguir, na fase em que nos encontramos. Mas, se o espírita não precisa ser sábio, também não deve ser ignorante. Como vai ele sustentar a sua fé, e com ela auxiliar os que sofrem a cegueira do ateísmo, do materialismo, ou mesmo da simples dúvida? Com artigos de fé, ninguém mais convence ninguém da verdade espiritual. Estamos na idade da razão, na fase racional da evolução humana. Temos de alicerçar a nossa fé no conhecimento, se quisermos que ela seja uma luz para todos, e não apenas uma lâmparina de uso particular.

Assim, vemos que o mandamento do Espírito da Verdade: “instruí-vos”, está diretamente ligado ao mandamento de Cristo: “amai-vos”. Pois, se nos amamos, é claro que desejamos a salvação da fé para todos, e conseqüentemente não podemos fechar-nos em nossa cômoda ignorância, nessa beatitude da ignorância, que caracterizou tantos beatos do passado. Não há lugar para beatos no Espiritismo. Os que nele quiserem permanecer deverão instruir-se, libertando-se de suas falsas idéias, de seus conceitos antiquados, de seus erros. Sem instrução não podemos cumprir o mandamento do amor ao próximo e do amor a Deus. Pois como amar a Deus sem compreendê-lo, sem ter idéia da sua grandeza e da sua

natureza inteligente? E como amar o próximo sem ajudá-lo a instruir-se, a esclarecer-se, a libertar-se das superstições, das mentiras, dos falsos juízos?

Todo espírita pode e deve instruir-se. Cada coisa vem a seu tempo, e portanto de acordo com a sua época. Na Antigüidade bíblica, os meios de instrução eram quase nulos e os conhecimentos muito reduzidos. Deus nos mandou então a lei fria da justiça, e por ela o profeta Elias fez passar a fio de espada os sacerdotes inimigos. No tempo de Jesus, num mundo mais evoluído, em que o homem se beneficiava com maior conhecimento e mais ampla compreensão das coisas, Deus nos mandou a lei ardente do amor, e os apóstolos a ensinaram a todos os povos, dando seu suor, seu sangue e sua vida por amor a todos. Nos tempos atuais, após o chamado século XVIII, Deus nos manda a lei de instrução, e os espíritas devem cumpri-la, para ajudar a Terra a subir na Escala dos Mundos. Hoje, a instrução se difunde na Terra por todos os meios, e o espírita só não se instruirá se não quiser.

É evidente que cada qual tem a sua própria medida. Uns poderão instruir-se mais, outros, menos. Uns terão grandes possibilidades e chegarão até as cátedras da sabedoria mundana, para iluminá-las com a sabedoria divina do Espiritismo. Outros disporão de pequenas possibilidades, e aprenderão o suficiente para ensinar aos que sabem menos. As instituições espíritas, por sua vez, devem tornar-se verdadeiras casas de instrução, não apenas evangélica e doutrinária, mas de cultura geral. Os Centros podem manter escolas superiores e fundar Universidades. Porque a Universidade Espírita é a nova luz que deve raiar no mundo da cultura.

Muitos dizem que não devemos criar uma espécie de cultura isolada, através de escolas que separem os espíritas dos outros. Mas a escola espírita não será nem poderá ser sectária. Será a escola de todos, oferecendo a todos a nova cultura que o Espiritismo vem implantar na Terra. As escolas do mundo, como sabemos, ensinam o materialismo, ao lado do dogmatismo religioso. Difundem conhecimentos e superstições em mistura, semeando o ateísmo. A essa cultura que leva à cegueira espiritual é que os espíritas devem confiar os seus filhos e as gerações futuras? Não. É dever dos espíritas, como foi dever dos judeus no seu tempo e dever dos cristãos no seu tempo, criar uma nova modalidade de instrução e preparar o mundo para uma nova cultura. E isso só pode ser feito através da escola espírita, que não desvirtuará o conhecimento humano em favor do materialismo ou do dogmatismo religioso, mas o iluminará com a verdadeira luz do conhecimento espiritual.

A enorme facilidade de difusão da cultura, que caracteriza o nosso tempo, pode ser um meio de envenenar e perverter gerações, como aconteceu em vários países, levados à desumanização e à brutalidade, diante dos nossos olhos, ou pode ser um meio de esclarecer e orientar gerações, como faz o Espiritismo com os que dele se aproximam. Teremos o direito de deixar que se processe o envenenamento coletivo? Não, pois temos em mãos o tesouro da cultura espírita, e o nosso dever de amor e fraternidade é distribuí-lo a todos.

Concluindo:

- O espírita não tem o direito de acomodar-se na poltrona da fé ingênua e simplória: seu dever é estudar e esclarecer-se quanto aos princípios da sua própria doutrina;
- a fé raciocinada exige o desenvolvimento das potencialidades da razão, o que só pode ser feito através da instrução;
- para amar e auxiliar o próximo, o espírita não pode estacionar na ignorância: precisa aprender, adquirir conhecimentos, instruir-se.

IV

O espírita e a política

O Espiritismo é a política do amor. Ligando os homens entre si, na Terra, e os homens com os espíritos, entre a Terra e o Espaço, ele realiza a maior e a mais bela política de todos os tempos, para a boa administração das riquezas públicas do espírito. Mas, sempre que possível, o espírita pode e deve dar, à política do mundo, a ajuda divina da política do céu.

A palavra política vem do grego: *polis*, que quer dizer cidade, e significa a arte de governar e administrar a cidade. Como sabemos, as cidades gregas eram Estados. Assim, política é a arte de governar o Estado e administrar as riquezas públicas. Pode o espírita ficar alheio a um problema como esse, que afeta a toda a coletividade? Não. O próprio Espiritismo, como dissemos acima, é uma política superior, aplicada não apenas à cidade do mundo, mas também à cidade celeste e às relações entre as duas cidades. O espírita, portanto, é político, no bom e exato sentido da palavra. Mas a sua política não é nem pode ser feita de intrigas, de golpes, de negaças, de manobras. Só pode ser feita de amor, compreensão, fraternidade e luz.

Por isso, os espíritas, em geral, são estranhos à política do mundo. Detestam o ambiente de mesquinhez interesseira em que se processam as manobras políticas. E não admitem que o Espiritismo seja envolvido na política, com o que fazem muito bem. Os poucos espíritas que se tornam políticos mundanos, se são realmente sinceros e firmes na sua fé, enfrentam duras dificuldades e terríveis sofrimentos. Porque não pode um espírita sincero respirar com naturalidade no ambiente pesado e malsão da política mundana. Os que se adaptam a esse ambiente são dignos de piedade, pois sacrificam a mais bela oportunidade de aperfeiçoamento espiritual que Deus lhes concede, em troca do prato de lentilhas dos interesses mundanos. Breve passa a vida presente desses irmãos, pois breve é a nossa vida na Terra, e ao entrar na vida espiritual eles vão lamentar o tempo perdido e a oportunidade desperdiçada.

Bem disse o Cristo: “O meu reino ainda não é deste mundo.” Porque um dia o será. Quando passar esta época de transição, e a Humanidade entrar na fase de regeneração de que nos falamos em *O Livro dos Espíritos* e *O Evangelho segundo o Espiritismo*, o Reino do Cristo começará a firmar-se entre os homens. Uma humanidade que se regenera está a caminho do céu. As leis mundanas começarão a modificar-se, influenciadas pelas leis divinas. Kardec estuda esse problema com a ajuda dos Espíritos, ao tratar da influência do Espiritismo na legislação do mundo. Quando isso acontecer, os espíritas não mais precisarão abster-se da política, mas, pelo contrário, deverão integrar-se nela, para auxiliá-la a evoluir mais rapidamente.

Até lá, porém, ainda há muito tempo a correr. E os espíritas deverão, por muitos anos ainda, manter-se de atalaia quanto às fascinações e os perigos da política. Devem por, sobretudo, o maior cuidado em evitar as infiltrações políticas nas sociedades espíritas, particularmente nos Centros Espíritas, que devem ser casa de oração e de paz, de amor e fraternidade. Como conciliar essas luzes celestes com os ódios, as intrigas, as disputas mesquinhas da política? Atualmente, os Centros Espíritas que se deixam levar pela política estão preferindo César a Deus. Estão, na verdade, desvirtuando as suas funções, desviando-se dos caminhos árdios do espírito e mergulhando no caminho largo e fácil das comodidades materiais. Infelizes dos irmãos que não percebem isso e se deixam fascinar pelas facilidades ilusórias da política mundana. Bem caro pagarão na vida espiritual.

O argumento principal dos espíritas fascinados pela política é o de que não podemos entregar aos maus a direção da vida pública. Mas quem lhes deu o direito de se julgarem melhores do que os outros? O simples fato de haverem aceitado o Espiritismo não lhes confere esse direito. O Espiritismo é o remédio para os males do mundo. Quantas vezes nós, os espíritas, nada mais somos do que as partes enfermas do mundo, submetidas à medicação do Espiritismo? O espírita deve ser suficientemente humilde para

não se acreditar capaz de reformar o mundo e transformar a sociedade, pela sua simples participação na vida política. Se não o for, estará sujeito a muitos enganos, e principalmente estará exposto à influência mistificadora de espíritos perversos, que sempre se aproveitam das nossas pretensões vaidosas, para nos transformarem em seus instrumentos. Tomemos o nosso remédio espírita, curando-nos primeiro, para depois auxiliarmos os outros a se curarem. E que Deus nos permita uma cura rápida, apesar de nossos muitos males, às vezes crônicos, velhos de muitas encarnações.

Nem por isso, entretanto, o espírita deve abster-se dos seus deveres políticos. Muito pelo contrário, esses deveres devem ser cumpridos escrupulosamente pelos espíritas. Lavar as mãos na bacia de Pilatos não é a atitude a assumir. Mas cumprir os deveres políticos é coisa bem diferente de entregar-se à vida política. Para cumprir aqueles, basta-nos observar as leis, comparecer aos pleitos eleitorais, votando com pensamento elevado e sem paixões, apoiar, com bons argumentos, e quando possível com ajuda prática, as boas causas, defender os oprimidos, livrar-se sempre de apoiar as causas más, injustas, prejudiciais à coletividade, e livrar-se principalmente de compromissos com os crimes políticos, seja em benefício próprio ou de outros, e mais ainda com a pretensão absurda de beneficiar o Espiritismo ou instituições espíritas. Para entregar-se à vida política, é necessário envolver-se em todas as suas complicações, em todas as suas mazelas atuais.

A política do mundo é feita, ainda, da paixão pelas coisas mundanas, particularmente a paixão do poder, que embriaga a vaidade humana. O espírita tem outra política a executar: a da humildade, que identifica o homem com os infelizes, os sofredores do mundo, e não o leva para as altas posições terrenas, mas para os postos de socorro da caridade cristã. No meu Reino, disse o Cristo, os maiores são os que servem. O primeiro dever político do espírita é servir. E para servir ele não precisa de cargos em partidos políticos, de cargos ou postos na administração pública. Basta-lhe o senso espírita da caridade, em todas as suas formas, segundo ensina o Espiritismo. “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”: que melhor política pode existir do que essa? Pois é essa a política espírita e, portanto, a política de todo espírita sincero.

Jesus não precisou da política romana ou da política judaica, para cumprir a mais bela e mais eficaz de todas as missões políticas já realizadas no planeta. Kardec não precisou da política francesa, para implantar na França e no mundo a política de amor do Espiritismo.

O espírita, quando levado à vida pública por circunstâncias independentes da sua vontade pessoal, não deve esquivar-se ao cumprimento dos seus deveres. Mas deve estar no cargo como um administrador consciente de bens alheios, empenhado na prática do amor e da justiça. Nunca deve empenhar-se em disputas políticas que dividem as criaturas e semeiam o ódio. Nem deve admitir, para agradar ao partido ou à administração que foi levado a servir, nenhum ato de injustiça para os que pertençam a facções contrárias.

Concluindo:

- O espírita, desde o momento em que aceitou conscientemente o Espiritismo, alistou-se na política do amor universal;
- seu único partido é o do Reino de Deus, e sua plataforma política é o Sermão da Montanha;
- caso seja levado a cargos públicos, chamado a qualquer atividade política do mundo, não deve esquecer a sua qualidade de espírita, e tudo há de fazer para que a luz que nele há não sejam trevas;
- amor e caridade devem constituir as suas armas políticas, mesmo que isso lhe custe a oposição dos próprios companheiros, pois é melhor estar só com a Verdade do que estar acompanhado pela mentira.

V

O espírita e a questão sexual

Os homens fizeram do sexo um motivo de escândalo. Tornaram o sexo uma coisa impura e repelente. Mas o sexo é uma manifestação do poder criador, das forças produtivas da Natureza. O espírita não pode encarar a questão sexual como assunto proibido. O sexo é a própria dialética da Criação e existe em todos os Reinos da Natureza.

O paganismo chegou a fazer do sexo motivo de adoração. Os povos primitivos revelam grande respeito e assumem atitude religiosa diante do sexo. Mas para esses povos, ainda bem próximos da Natureza, o sexo não está sujeito aos desregramentos, aos abusos e ao aviltamento do mundo civilizado. O cristianismo condenou o sexo e fez dele a fonte de toda a perdição. Mas o Espiritismo reconsidera a questão, colocando-se um meio-termo entre os exageros pagãos e cristãos. O espírita sabe que o sexo é um grande campo de experiências para o espírito em evolução, e que é através dele que a lei de reencarnação se processa, na vida terrena. Como, pois, considerá-lo impuro e repelente?

Em *O Livro dos Espíritos*, Kardec comenta: Os Espíritos se encarnam homens ou mulheres, porque não têm sexo. Como devem progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhe oferece provas e deveres especiais, e novas ocasiões de adquirir experiências. Como vemos, o sexo é considerado pelo Espiritismo no seu justo lugar, como um meio de evolução espiritual. O espírita, por isso mesmo, não pode continuar a encarar o sexo como o faz o comum dos homens. Não pode abusar do sexo, nem desprezá-lo. Deve antes considerar o seu valor e a sua importância no processo da evolução.

Ainda existe, no meio espírita, muita prevenção contra os assuntos sexuais. Mas é necessário que essa prevenção seja afastada, através de uma compreensão mais precisa do problema. Não há motivo para fazer-se do sexo um assunto-tabu, mas também não se deve exagerar nesse terreno, pois muitas criaturas se escandalizariam. Devemos lembrar-nos de que, por milhares de anos, através de gerações e gerações sucessivas, o sexo foi considerado, na civilização cristã em que nascemos e vivemos, um campo de depravação, de perdição das criaturas. A simples palavra sexo provoca em muita gente uma situação de ambivalência: interesse oculto e repulsa instintiva. Por isso mesmo, a educação sexual deve ser encarada seriamente nos meios espíritas e não pode ser deixada à margem da pedagogia espírita.

A maior dificuldade para a questão sexual está no lar, na vida familiar. Os pais espíritas não sabem, em geral, como preparar os seus filhos para a chamada “revelação do sexo”. O regime do silêncio continua a imperar em nossos lares, criando maiores dificuldades para a solução do problema. A simples proibição do assunto gera um clima de mistério em torno da questão sexual, aumentando os motivos de desequilíbrio para os adolescentes. Os pais, por sua vez, sofrem também de inibições decorrentes de um sistema errado de educação, a que estiveram sujeitos.

Na família, a atitude mais acertada é a de não se responder com mentiras doiradas às indagações das crianças sobre questões sexuais. Mas não se deve, também, responder de maneira crua. Seria uma imprudência querermos sair de um sistema de tabus para uma situação de franqueza rude. Há muitas maneiras de fazer a criança sentir que o problema sexual não é mais nem menos importante do que os demais. Cada mãe ou pai tem de descobrir a maneira mais conveniente ao seu meio familiar. A regra mais certa é a resposta verdadeira, de maneira indireta. Se a criança perguntar: “Como a gente nasce?”, deve-se responder, por exemplo: “Da mesma maneira que os gatinhos”. Começando assim, a pouco e pouco os próprios pais vão descobrindo a técnica de vencer as dificuldades, sem embair os filhos com lendas e mentiras que criaram um ambiente de excitação perigosa.

Nas escolas espíritas, o problema deve ser colocado com o mesmo cuidado, pois a situação é ainda mais melindrosa: as crianças de uma classe pertencem a diversas famílias, com diferentes costumes. É

perigosa a chamada “atitude científica”, geralmente seguida, nos ginásios, pelos professores de ciências. A frieza científica não leva em consideração as sutilezas psicológicas. O ideal é que o assunto seja discutido previamente em reuniões pedagógicas, entre os professores de ciências, de psicologia, de moral, e o orientador pedagógico. Na verdade, o problema é mais de pedagogia do que de ciências. O bom pedagogo saberá conduzi-lo com o tato necessário, sem produzir choques perigosos e sem permitir que o assunto caia novamente no plano do mistério.

Quanto aos jovens, devem promover cursos e seminários a respeito, sempre com a assistência de um professor experimentado, de moral ilibada e reconhecido bom-senso. Os jovens têm grande necessidade de boa orientação sexual, pois estão na fase de maior manifestação dessas exigências, e, se não forem bem orientados, poderão cair em lamentáveis complicações. O jovem espírita, embora esclarecido pela doutrina, não está menos sujeito a desequilíbrios sexuais. Sabemos que esses desequilíbrios têm duas fontes principais: os abusos e vícios do passado, em encarnações desregradas, e as influências de entidades perigosas, muitas vezes ligadas aos jovens pelo passado delituoso. Por isso mesmo, o problema só pode ser tratado de maneira elevada, com grande senso de responsabilidade. Os médicos espíritas podem ser grandes auxiliares das Mocidades Espíritas nesse setor.

Quanto aos espíritas adultos, não estão menos livres do que os jovens. São vítimas de uma educação defeituosa, de um ambiente moral dominado pela hipocrisia em matéria sexual, e trazem às vezes agravadas por esse ambiente as heranças do passado. Precisam acostumar-se, no meio espírita, a encarar o problema sexual de maneira séria, evitando as atitudes negativas, que dão entrada às influências perigosas. Encarando o sexo sem malícia, como uma função natural e uma necessidade vital, o espírita ao mesmo tempo se corrige e modifica o ambiente em que vive, afastando do mesmo os espíritos viciosos e maliciosos, que não mais encontram pasto para os seus abusos. O melhor meio de afugentar esses espíritos, e de encaminhá-los também a uma reforma íntima, é a criação de uma atitude pessoal de respeito pelos problemas sexuais e o cultivo de um ambiente de compreensão elevada no lar.

Essa mesma atitude deve ser levada para os ambientes de trabalho, por mais contaminados que eles se apresentem. O espírita não deve fugir espavorido diante das conversas impróprias, pois com isso demonstraria incompreensão do problema e provocaria maior interesse dos outros em perturbá-los. Mas não deve, também, estimular essas conversas, com sua participação ativa. Sua atitude deve ser de completa naturalidade, de quem conhece o problema e não se espanta com as conversas de mau gosto, mas também de quem não acha motivos para alimentar essas conversas e delas participar. Sempre que possível, e com senso de oportunidade, ele deve procurar mudar os rumos da conversa, para assuntos mais aproveitáveis, ou mesmo para os aspectos sérios do delicado problema sexual.

A mente viciosa se compraz nas conversas deletérias, nas imagens grotescas, nas expressões desrespeitosas. Escandalizar-se diante dessas coisas, ou repeli-las com violência, é sempre prejudicial e anticariñoso, pois essas pessoas são as que mais necessitam de amparo e orientação. O mais certo é procurar um meio de ajudá-las a se libertarem dessa viciação. E o meio mais eficaz é orientar a conversação viciosa para aspectos graves, como as conseqüências dos vícios, as situações dolorosas em que se encontram pessoas conhecidas, e a conveniência de tratar-se o sexo com o respeito devido às forças criadoras da Natureza.

Nos casos dolorosos de inversão sexual, o espírita vê-se geralmente em dificuldade. O mais certo é apelar para os conhecimentos doutrinários e para o poder da prece; ajudar o irmão desequilibrado a lutar corajosamente para a sua própria recuperação, procurando corrigir a mente viciosa e manter-se o mais possível em atitude de quem espera e confia na ajuda dos Espíritos Superiores. Trabalhos mediúnicos podem favorecer grandemente esses casos, quando realizados com médiuns sérios, conscientes de sua responsabilidade e de reta moral. Não se dispendo de elementos assim, de absoluta confiança, é melhor abster-se desses trabalhos, insistindo na educação progressiva do irmão infeliz, através de preces, leituras e estudos, conversações construtivas e passes espirituais, aplicados de maneira metódica, em dias e horas certas. Se o irmão enfermo colaborar, com sua boa vontade, os resultados positivos logo se farão sentir; porque ninguém está condenado ao vício e ao desequilíbrio, a não ser pela sua própria vontade ou falta de vontade para reagir.

Nosso destino está vinculado à maneira pela qual encaramos o sexo. Bastaria isso para nos mostrar a importância do problema. Inútil querermos fugir a ele. O necessário é modificarmos profundamente as velhas e viciosas atitudes que trazemos do passado e que encontramos de novo na sociedade terrena, ainda pesadamente esmagada pelas suas próprias imperfeições. Encaremos o sexo como uma manifestação do poder criador, tratando-o com o devido respeito, e mudaremos a nós mesmos, os outros e a sociedade em que vivemos. O espírita deve ser o elemento sempre apto a promover essa mudança, e nunca um acomodado às situações viciosas que dominam as criaturas e as escravizam, por toda parte, na terra e no espaço.

Concluindo:

- O problema sexual deve ser encarado pelo espírita com naturalidade, em face da naturalidade da função criadora;
- o sexo deve ser considerado como fonte de força, vida e equilíbrio, devendo por isso mesmo ser respeitado e não aviltado;
- entre o desregramento do pagão e o preconceito do cristão dogmático, o espírita deve manter-se no equilíbrio da compreensão exata do valor do sexo;
- as fontes da vida não podem ser desrespeitadas e afrontadas pela malícia e a impureza dos homens.

VI

O espírita e o mundo atual

A Terra está passando por um período crítico de crescimento. Nosso pequenino mundo, fechado em concepções mesquinhas e acanhados limites, amadurece para o infinito. Suas fronteiras se abrem em todas as direções. Estamos às vésperas de uma Nova Terra e um Novo Céu, segundo as expressões do Apocalipse. O Espiritismo veio para ajudar a Terra nessa transição.

Procuramos, pois, compreender a nossa responsabilidade de espíritas, em todos os setores da vida contemporânea. Não somos espíritas por acaso, nem porque precisamos do auxílio dos Espíritos para a solução dos nossos problemas terrenos. Somos espíritas porque assumimos na vida espiritual graves responsabilidades para esta hora do mundo. Ajudemo-nos a nós mesmos, ampliando a nossa compreensão do sentido e da natureza do Espiritismo, de sua importante missão na Terra. E ajudemos o Espiritismo a cumpri-la.

O mundo atual está cheio de problemas e conflitos. O crescimento da população, o desenvolvimento econômico, o progresso científico, o aprimoramento técnico e a profunda modificação das concepções da vida e do homem colocam-nos diante de uma situação de assustadora instabilidade. As velhas religiões sentem-se abaladas até o mais fundo dos seus alicerces. Ameaçam ruir, ao impacto do avanço científico e da propagação do ceticismo. Descrentes dos velhos dogmas, os homens se voltam para a febre dos instintos, numa inútil tentativa de regressar à irresponsabilidade animal.

O espírita não escapa a essa explosão do instinto. Mas o Espiritismo não é uma velha religião nem uma concepção superada. É uma doutrina nova, que apareceu precisamente para alicerçar o futuro. Suas bases não são dogmáticas, mas científicas, experimentais. Sua estrutura não é teológica, mas filosófica, apoiada na lógica mais rigorosa. Sua finalidade religiosa não se define pelas promessas e as ameaças da Teologia, mas pela consciência da liberdade humana e da responsabilidade espiritual de cada indivíduo, sujeita ao controle natural da lei de causa e efeito. O espírita não tem o direito de tremer e apavorar-se, nem de fugir aos seus deveres e entregar-se aos instintos. Seu dever é um só: lutar pela implantação do Reino de Deus na Terra.

Mas como lutar? Este livrinho procurou indicar, aos espíritas, várias maneiras de proceder nas circunstâncias da vida e em face dos múltiplos problemas da hora presente. Não se trata de oferecer um manual, com regras uniformes e rígidas, mas de apresentar o esboço de um roteiro, com base na experiência pessoal dos autores e na inspiração dos Espíritos que auxiliaram-nos a escrever estas páginas. A luta do espírita é incessante. As suas frentes de batalha começam no seu próprio íntimo e vão até os extremos limites do mundo exterior. Mas o espírita não está só, pois conta com o auxílio constante dos Espíritos do Senhor, que presidem à propagação e ao desenvolvimento do Espiritismo na Terra.

A maioria dos espíritas chegaram ao Espiritismo tangidos pela dor, pelo sofrimento físico ou moral, pela angústia de problemas e situações insolúveis. Mas, uma vez integrados na Doutrina, não podem e não devem continuar com as preocupações pessoais que motivaram a sua transformação conceptual. O Espiritismo lhes abriu a mente para uma compreensão inteiramente nova da realidade. É necessário que todos os espíritas procurem alimentar cada vez mais essa nova compreensão da vida e do mundo, através do estudo e da meditação. É necessário também que aprendam a usar a poderosa arma da prece, tão desmoralizada pelo automatismo habitual a que as religiões formalistas a relegaram.

A prece é a mais poderosa arma de que o espírita dispõe, como ensinou Kardec, como o proclamou Léon Denis e como o acentuou Miguel Vives. A prece verdadeira, brotada do íntimo, como a fonte límpida brota das entranhas da terra, é de um poder não calculado pelo homem. O espírita deve utilizar-

se constantemente da prece. Ela lhe acalmará o coração inquieto e aclarará os caminhos do mundo. A própria ciência materialista está hoje provando o poder do pensamento e a sua capacidade de transmissão ao infinito. O pensamento empregado na prece leva ainda a carga emotiva dos mais puros e profundos sentimentos. O espírita já não pode duvidar do poder da prece, pregado pelo Espiritismo. Quando alguns “mestres” ocultistas ou espíritas desavisados chamarem a prece de muleta, o espírita convicto deve lembrar que o Cristo também a usava e também a ensinou. Abençoada muleta é essa, que o próprio Mestre dos mestres não jogou à margem do caminho, em sua luminosa passagem pela Terra!

O espírita sabe que a morte não existe, que a dor não é uma vingança dos deuses ou um castigo de Deus, mas uma força de equilíbrio e uma lei de educação, como explicou Léon Denis. Sabe que a vida terrena é apenas um período de provas e expiações, em que o espírito imortal se aprimora, com vistas à vida verdadeira, que é a espiritual. Os problemas angustiantes do mundo atual não podem perturbá-lo. Ele está amparado, não numa fortaleza perecível, mas na segurança dinâmica da compreensão, do apercebimento constante da realidade viva que o rodeia e de que ele mesmo é parte integrante. As mudanças incessantes das coisas, que nos revelam a instabilidade do mundo, já não podem assustar o espírita, que conhece a lei de evolução. Como pode ele inquietar-se ou angustiar-se, diante do mundo atual?

O Espiritismo lhe ensina e demonstra que este mundo em que agora nos encontramos, longe de nos ameaçar com morte e destruição, acena-nos com ressurreição e vida nova. O espírita tem de enfrentar o mundo atual com a confiança que o Espiritismo lhe dá, essa confiança racional em Deus e nas suas leis admiráveis, que regem as constelações atômicas no seio da matéria e as constelações astrais no seio do infinito. O espírita não teme, porque conhece o processo da vida, em seus múltiplos aspectos, e sabe que o mal é um fenômeno relativo, que caracteriza os mundos inferiores. Sobre a sua cabeça rodam diariamente os mundos superiores, que o esperam na distância e que os próprios materialistas hoje procuram atingir com os seus foguetes e as suas sondas espaciais. Não são, portanto, mundos utópicos, ilusórios, mas realidades concretas do Universo visível.

Confiante em Deus, inteligência suprema do Universo e causa primária de todas as coisas – poder supremo e indefinível, a que as religiões dogmáticas deram a aparência errônea da própria criatura humana –, o espírita não tem o que temer, desde que procure seguir os princípios sublimes da sua Doutrina. Deus é amor, escreveu o apóstolo João. Deus é a fonte do Bem e da Beleza, como afirmava Platão. Deus é aquela necessidade lógica a que se referia Descartes, que não podemos tirar do Universo sem que o Universo se desfaça. O espírita sabe que não tem apenas crenças, pois possui conhecimentos. E quem conhece não teme, pois só o desconhecido nos apavora.

O mundo atual é o campo de batalha do espírita. Mas é também a sua oficina, aquela oficina em que ele forja um mundo novo. Dia a dia ele deve bater a bigorna do futuro. A cada dia que passa, um pouco do trabalho estará feito. O espírita é o construtor do seu próprio futuro e o auxiliar de Deus na construção do futuro do mundo. Se o espírita recuar, se temer, se vacilar, pode comprometer a grande obra. Nada lhe deve perturbar o trabalho, na turbulenta mas promissora oficina do mundo atual.

Concluindo:

- O espírita é o consciente construtor de uma nova forma de vida humana na Terra e de vida espiritual no Espaço;
- sua responsabilidade é proporcional ao seu conhecimento da realidade, que a Nova Revelação lhe deu; seu dever de enfrentar as dificuldades atuais, e transformá-las em novas oportunidades de progresso, não pode ser esquecido um momento sequer.

Espíritas, cumpramos o nosso dever!

* * *

“O livro cristão é o alimento da vida eterna.”

– FIM –

Notas:

1. Veja-se, em **O Livro dos Espíritos**, o capítulo intitulado “Lei de Adoração”. (N.T.)
2. Esta observação vem muito a propósito, diante do número de teorias absurdas que invadem atualmente o meio espírita. Ela se aplica muito bem aos chamados “reformadores” da doutrina. (N.T.)
3. Sabemos que os próprios Espíritos Protetores afastam-se das criaturas que se recusam a corrigir-se (veja-se em **O Livro dos Espíritos**, Segunda Parte, Capítulo IX, o tópico que trata do assunto). O único remédio é deixá-lo prosseguir na difícil experiência que escolheram. Questão de livre-arbítrio. (N.T.)
4. O autor coloca, neste ponto, o problema melindroso da direção dos Centros e demais instituições doutrinárias. Lendo atentamente, vemos que ele concilia a forma de eleição com a do reconhecimento da missão. Não quer dizer que um irmão tome a presidência ou a direção dos trabalhos por mandado dos Espíritos, mas que há pessoas “escolhidas” pelo Alto e encaminhadas ao Centro para exercer funções especiais. A própria congregação é que deve “saber reconhecer”, ou descobrir essas pessoas, elegendo-as e mantendo-as no seu posto. É o que geralmente se faz nas instituições em que reina o amor evangélico. As disputas de cargos só aparecem onde esse amor é substituído pelos interesses mundanos. (N.T.)
5. No original há esta maravilhosa expressão, praticamente intraduzível: “*su misión será un paño de lágrimas*”, que traduzimos apenas por: será uma consolação. Que não se perca a imagem original. (N.T.)
6. O acréscimo em destaque é nosso, por inspiração do momento. Lembramos ainda o seguinte: o espírita sabe que o mal não é permanente e que Deus não condena os que desejam sinceramente emendar-se; não há pecado mortal no Espiritismo; dessa maneira, o espírita nunca tem motivos para desesperar-se ou deixar-se vencer. (N.T.)
7. Devemos lembrar ainda que a revolta aumenta a dor, intensifica o sofrimento, enquanto a resignação favorece a ação benéfica dos bons Espíritos, sempre prontos a auxiliar os que sofrem. A prece é o grande lenitivo das dores sem remédio. Por ela, o espírito em provas estabelece ligação fluídica com os seus Benfeitores Espirituais, que lhe darão o alívio possível e a força moral necessária para suportar a provação até o fim. (N.T.)
8. Miguel Vives refere-se ao Espírito da Verdade genericamente, considerando todos os bons Espíritos como pertencentes a essa Falange de entidades que lutam pela regeneração da Terra. Sabemos que o guia de Kardec lhe deu o nome de Espírito da Verdade e que mais tarde, segundo podemos ver em **Obras Póstumas**, os Espíritos que auxiliavam o Codificador revelaram estar sob a direção daquele Espírito. A posição de Vives é tipicamente espírita: todas as boas aspirações e comunicações nos chegam através do Espírito da Verdade, que preside ao movimento espírita na Terra e que não é apenas o Espírito diretor da Falange, mas a própria Falange. Cada Espírito verdadeiro, e portanto elevado, é portador de uma mensagem do Espírito da Verdade. (N.T.)
9. Em Mateus, XII:43-45, Jesus ensina que o espírito imundo afastado do homem, volta mais tarde, e encontrando a casa limpa e adornada, passa a habitá-la de novo, na companhia de mais sete espíritos, piores do que ele. E acrescenta: “*E são os últimos atos desse homem piores do que os primeiros*”. (N.T.)